

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

Airton Volnei Prochnow

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA
HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA – RS.**

Santa Maria, RS
2021

Airton Volnei Prochnow

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO
MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA – RS.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad

Santa Maria, RS
2021

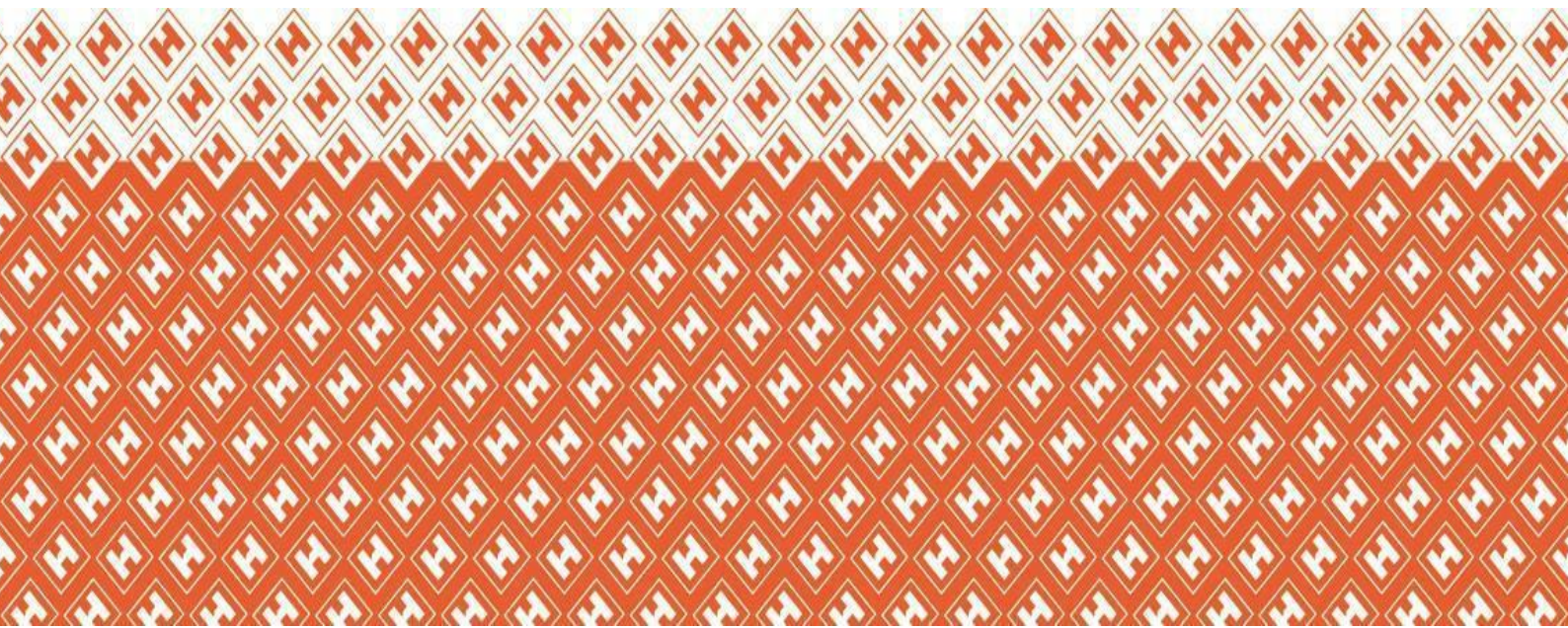


AIRTON VOLNEI PROCHNOW

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA
HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA - RS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Setembro / 2021



Airton Volnei Prochnow

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO
MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA - RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em rede nacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Ensino de História.**

Aprovado em 27 de setembro de 2021.

Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior, Dr. (UFSM)

Viviana Benetti, Dra. (ULBRA)

Santa Maria, RS
2021

AGRADECIMENTOS

Essa jornada do Mestra foi fantástica, desafiadora, principalmente nesse período de pandemia, em que no meio do caminho os planos tiveram que ser mudados devido as possibilidades que então se tinha. Devido a tudo isso preciso aqui agradecer quem me apoio, me deu forças, auxílio, paciência e devolvo em forma de gratidão.

A minha esposa Cibele e meus filhos Paola e Augusto pela paciência, quando me ausentando para as aulas, me isolando por diversas vezes para a realização das atividades, do projeto e da dissertação, foram os primeiros que me deram a segurança para realizar a seleção do ProfHistória.

Aos meus pais Ivo (*in memorian*) e Lori, que acreditaram em mim e me auxiliaram sempre que necessário em minha vida.

A minha querida e fantástica orientadora professora Leonice, que além do trabalho exemplar junto ao curso, também sempre dando força e suporte quando necessário, pessoa que guardarei sempre comigo. Imensa gratidão.

Aos meus colegas e amigos do ProfHistória, pelo vínculo que criamos, pelas longas horas conversando, por compartilharmos angústicas e também conquistas, pela troca de experiências de sala de aula, que se fazia sempre tão presente, enriquecendo nosso trabalho no chão da escola.

A coordenação e todo o corpo docente envolvidos no Profhistória na Universidade Federal de Santa Maria, grato por todas as horas que passamos juntos, aulas brilhantes, instigantes e esclarecedoras.

Aos meus amigos e colegas de escola que por diversas vezes me deram força e me estimularam a continuar nessa importante jornada.

Agradeço CAPES pela concessão da bolsa que viabilizou a realização desse Mestrado.

Enfim a todos que de algum forma auxiliaram ou contribuíram nessa caminhada, gratidão.

RESUMO

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA - RS

AUTOR: Airton Volnei Prochnow

ORIENTADORA: Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad

Dentro do atual contexto histórico, vemos dentro da educação grandes desafios sendo propostos nas práticas pedagógicas, inovações que vem a alavancar novas formas no fazer em sala de aula, apropriação de novas ferramentas educacionais. Assim os profissionais de educação na disciplina de história também devem promover aos seus alunos um ensino em que a aprendizagem possibilite a compreensão da historicidade cultural, social e econômica que o cerca, integrando os mesmos a sua comunidade. Assim irá se utilizar a contribuição de autores preocupados com uma maior compreensão sobre a importância do ensino da história local e o resgate de sua identidade histórica e social, enfatizando a compreensão do desenvolvimento de metodologias que favoreçam um ensino de História comprometida com a inserção da história local em sala de aula, para a valorização do cotidiano dos alunos. Dentro dessa perspectiva esse trabalho visa a elaboração de um material didático sobre a história do município de Nova Candelária-RS, trazendo textos, fotografias, depoimentos, mapas, leis, símbolos, entre outros, como fontes de pesquisa. Metodicamente a utilização de produções acadêmicas e outras criadas pelos municípios mãe que seriam: Crissiumal e Boa Vista do Buricá, e também dos municípios de Três Passos, Palmeira das Missões, ao qual também era território num período mais distante; entrevistas com moradores mais idosos, dados coletados junto a acervos pessoais e da prefeitura e museu do município, fazendo desta forma com que a oralidade e a fontes documentais dialoguem, a história considerada oficial com a oralidade identificada de experiências vivenciadas em diferentes momentos da história local.

Palavras-chave: ProfHistória. Ensino de História. Nova Candelária. História Local.

ABSTRACT

PRODUCTION OF TEACHING MATERIAL FOR TEACHING THE HISTORY OF THE MUNICIPALITY OF NOVA CANDELÁRIA - RS

AUTHOR: Airton Volnei Prochnow

ORIENTADORA: Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad

Within the current historical context, we see within education great challenges being proposed in pedagogical practices, innovations that come to leverage new ways of doing in the classroom, appropriation of new educational tools. Thus, education professionals in the discipline of history must also promote to their students an education in which learning enables them to understand the cultural, social and economic historicity that surrounds them, integrating them into their community. Thus, the contribution of authors concerned with a greater understanding of the importance of teaching local history and the rescue of their historical and social identity will be used, emphasizing the understanding of the development of methodologies that favor a teaching of History committed to the insertion of history classroom, to enhance students' daily lives. Within this perspective, this work aims at the elaboration of didactic material about the history of the municipality of Nova Candelária-RS, bringing texts, photographs, testimonies of elderly people and from different sectors of society, maps, laws, symbols, receipts, among others, as research sources. Methodically the use of academic and other productions created by the mother municipalities that would be: Crissiumal and Boa Vista do Buricá, and also from the municipalities of Três Passos, Palmeira das Missões, which was also a territory in a more distant period; interviews with older residents, data collected from personal collections and the city hall and museum of the municipality, thus making oral or documentary dialogue, a story considered official with the orality identified from experiences lived at different times in local history.

Keywords: ProfHistória. History Teaching. Nova Candelária. Local History.

Prochnow, Airton Volnei
Produção de material didático para o ensino da história
do município de Nova Candelária - RS. / Airton Volnei
Prochnow.- 2021.
85 p.; 30 cm

Orientador: Leonice Aparecida de Fátima Alves
Pereira Mourad
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
História em Rede Nacional, RS, 2021

1. Profhistória 2. Ensino de história 3. Nova
Candelária 4. História local I. Aparecida de Fátima Alves
Pereira Mourad, Leonice II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo
autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca
Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, AIRTON VOLNEI PROCHNOW, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 -	Competências específicas de história para o ensino fundamental	27
TABELA 1 -	Objetivos educacionais e suas recorrências nos anos iniciais no ensino fundamental	28
QUADRO 2 -	Habilidades de História e a Taxonomia de Bloom	29
QUADRO 3 -	Habilidades do componente de história do 3º ano do ensino fundamental	30

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PROFHISTÓRIA	Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	13
2.1.	HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	13
2.2.	ENSINO DE HISTÓRIA.....	15
2.1.1.	O ensino de história nos PCNs e na BNCC.....	20
3.	CONTEXTO E ELABORAÇÃO DO PRODUTO.....	32
3.1.	CONTEXTO.....	32
3.2.	PENSANDO UM MATERIAL DE APOIO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA - RS.....	33
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42
	APÊNDICE A – PRODUTO.....	45

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi organizada durante o curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), que é ofertado em rede nacional, sendo um programa de pós-graduação stricto sensu, que tem seu reconhecimento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação (MEC). Coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem por objetivo proporcionar formação continuada aos docentes de História da Educação Básica, visando dar qualificação certificada para o exercício da profissão, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino.

Essa formação continuada de professores de História, focada na inovação na sala de aula também estimula reflexões sobre as questões relevantes sobre os diferentes usos da informação de natureza histórica, presentes contemporaneamente na sociedade, na qual o professor por diversas vezes necessita responder aos desafios educacionais do Brasil contemporâneo, considerando princípios fundamentais da construção da educação histórica.

Dentro do programa do ProfHistória além da dissertação, também consta como obrigatoriedade a organização de um produto, sendo este voltado para a resolução de um problema ou auxílio no encaminhamento de questões encontradas no ambiente escolar em que o mestrando está inserido, podendo ser este em forma de propostas metodológicas, de material didático, oficinas, jogos, formas pedagógicas, etc, que possam ser utilizados dentro da sala de aula, auxiliando ainda na formação continuada dos professores, instrumentalizando-o para mediar o processo de desenvolvimento de competências e habilidades da educação histórica.

Dessa forma nesta dissertação apresentaremos uma breve reflexão sobre a importância da história local no ensino de história, tendo como produto a formação de um material didático para uso no estudo da história do município, trazendo a história local como temática, material este que poderá auxiliar os professores durante as aulas de história nos anos iniciais do ensino fundamental.

Formado no Magistério nível médio no ano de 1997, no ano de 2006 me graduei em Licenciatura em História pela UNIJUÍ – Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, sendo especialista no Ensino de História, no ano de 2009, pelo CELER Faculdades. Trabalho nos anos iniciais há 22 anos na rede municipal, destes, 16 anos neste município, e no ensino médio há 7 anos na rede estadual no município de Nova Candelária, RS. Ao longo dos anos trabalhei no laboratório de informática, com oficinas de recreação e por vezes em história e geografia nos anos finais do ensino fundamental.

No trabalho de sala de aula ao longo do tempo vamos percebendo como os alunos veem as aulas. Quando iniciei o trabalho com o ensino médio ouvindo relatos de muitos alunos se queixando, que não gostavam das aulas de história por elas serem cansativas, com muita leitura, extensos questionários a serem respondidos, falando de coisas que eram muito distantes delas que não chamavam a sua atenção. Da mesma forma os alunos dos anos finais do ensino fundamental. É nesse contexto que algo também que me fez refletir sobre o que estaria faltando, ou fazendo com os alunos pensassem dessa forma, pois ao trabalhar com os anos iniciais percebia neles uma atenção enorme em ouvir histórias, em participar com ideias, com o que lhes é familiar, suas experiências, histórias vividas e ouvidas, brilho nos olhos, para dali a pouco tempo depois isso mudar. Por quê?

Nesse contexto sempre busquei fazer um trabalho preocupado com essas questões, queria que meus alunos se sentissem bem nas minhas aulas, com que vissem sentido no que estávamos trabalhando, buscando sempre a interatividade deles, protagonismo, organizando debates, pesquisas e apresentações relacionadas ao contexto local e dali partindo para o global, fazendo essas relações para que se tornasse sempre significativo. Sempre me perguntando: o que poderia fazer para melhorar minhas aulas? Como ajudar os alunos a entenderem o significado e a importância de se conhecer a história, as fontes históricas? Para então poder também ser protagonista e estabelecer posicionamentos.

Dessa forma percebi que eles acabavam gostando, mas eu sentia que precisava buscar mais subsídios para me auxiliar através de formação para poder melhorar a cada dia mais, minhas aulas, dar sentido ao que fazia. Assim ao conhecer o ProfHistória não tive dúvidas de que era isso o que procurava. No processo seletivo de 2018 consegui então entrar no programa e ter contato com pessoas que acrescentaram muito a minha maneira de fazer, tanto com colegas de diversas partes do estado e até fora dele, interagindo e cada um trazendo uma maneira de trabalhar o ensino de história de uma maneira diferente, quanto com os professores, com seus vastos conhecimentos maneiras de fazer também significar tudo isso.

Em 2019, iniciei trabalhando no município as aulas de história e geografia nos 2º, 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental e nesse contexto, percebi a falta de material didático organizado e disponível aos educadores para uso em sala de aula, sendo assim cada professor organizava um material aleatório, sendo que por diversas vezes nem a bibliografia constava nos mesmos, sentindo nos próprios professores um sentimento de angústia devido a falta de fontes, de conhecimento na área devido a sua formação não ser na área das humanas, de um

material que poderia ser utilizado como amparo em suas aulas, percebendo-se lacunas no ensino de história da maneira como vinha sendo realizado.

Em conversa com os professores pedagogos que até então ministravam o ensino de história do município, estes relataram a dificuldade de encontrar materiais didáticos ou fontes de pesquisa para organização de um material de apoio. Também sentindo a necessidade de maior embasamento teórico por não serem formados na área das humanas, o que poderia lhes auxiliar e muito durante seu trabalho pedagógico.

Ao iniciar esse trabalho das aulas nos anos iniciais percebi o quanto elas eram trabalhadas pelos manuais dos livros do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), este sendo um material de amplo uso pela sua abrangência nacional, mas não trazendo a realidade local, sendo este organizado em nível de país. Trazendo por diversas vezes contextos totalmente diferentes do que seria o ambiente em que os alunos estão inseridos, percebendo o quanto importante é a necessidade de um material didático local, para estimular uma aprendizagem mais significativa, que problematize o conteúdo estudado, reflita sobre os problemas do lugar onde os alunos vivem e de outros lugares, a fim de que sejam conduzidos à ação.

Nesse sentido comecei a buscar bibliografia, arquivos documentais, fontes que pudessem me amparar nesse novo desafio, de produzir um material de apoio que, quando disponível estava mais voltado para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

A dificuldade foi imensa, pois o material bibliográfico era muito limitado, restrito a alguns fatos, datas comemorativas no município, relacionadas muitas vezes a apenas algumas famílias mais ilustres, percebendo-se um esquecimento por grande parte da população, por assim dizer, a grande maioria dela.

A preocupação foi de trazer um material que pudesse fazer com que se aproximasse o máximo possível da realidade dos alunos, do seu ambiente, do próprio local, fazendo com que o ensino se torne realmente significativo ao ver ali exemplificados nomes conhecidos, pessoas, lugares, espaços já naturalizados, mas que contém seu significado dentro do contexto do local, resignificando.

Dessa forma entendendo que o professor necessita desenvolver atividades em que os alunos reconheçam a historicidade de seu bairro ou sua cidade, associando tal particularidade a outras dimensões mais amplas: regional, nacional e mundial. Podendo aí então relacionar o local com o todo o contexto também apresentado no material didático que chega as escolas pelo PNLD. Assim,

Nesse novo contexto escolar, professores e alunos não são meros consumidores de materiais e executores de programas de ensino, mas criadores, produtores de saberes. O professor é um profissional que não domina apenas os métodos de construção de conhecimento, mas um conjunto de saberes que possibilita sua socialização e sua reconstrução no processo de ensino e aprendizagem. Assim, o saber docente é um saber plural, proveniente de diversas fontes, adquirido ao longo do tempo, nos diferentes espaços de vida e formação. É, basicamente, constituído pelos conhecimentos específicos das disciplinas ou área de formação (por exemplo, história, geografia, ciências, pedagogia magistério, etc.). (FONSECA, 2003, p.102).

Na fala de Fonseca entendemos que o professor pode e deve também criar seu material didático sobre história local, não apenas esperar que o poder público o forneça pronto, sendo realmente um criador e produtor de recursos e saberes. Mas também percebemos da dificuldade quando não se tem fontes organizadas para pesquisa.

Essas problemáticas que estimularam a escolha pela organização de um material didático para trabalhar o ensino de história nos anos iniciais, principalmente com o foco no 3º ano do ensino fundamental, quando se trabalha mais especificamente a história do município, onde está a sua casa, seu bairro, sua localidade, o ambiente em que este aluno está inserido. O estudo do o 'Eu', do 'Outro' e o 'Nós', percebendo o local dentro do regional e ampliando para o global.

A metodologia deste estudo consistiu inicialmente na seleção dos relatos de memória, oriundos das produções acadêmicas, de organizações de materiais dos municípios de que o território hoje do município já fez parte e que contenham dados sobre o mesmo.

Também foram utilizados materiais documentais, arquivados no museu municipal, fotos, recortes e peças, que sirvam de fonte para organizar o material didático para o ensino de história do município. Assim como um documentário organizado setor da cultura do município com entrevistas, de alguns moradores mais antigos, com relatos sobre a história no espaço vivido, refletindo sobre acontecimentos, modo de vida, organização social e familiar.

No primeiro capítulo apresentamos uma breve discussão, denominada de fundamentação teórico-metodológica sobre a história local, ensino de história e memória. No segundo capítulo apresentamos a organização do ensino de história desde os PCNs até a chegada a da BNCC, trazendo às principais discussões, os objetivos, a importância do ensino de história, a distribuição em habilidades e competências para cada etapa. O terceiro capítulo traz uma descrição sobre a organização do produto, seu contexto de produção, bem como o produto propriamente dito. Por fim, as considerações finais.

2. ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesse capítulo faremos uma breve discussão sobre os principais conceitos da nossa pesquisa, utilizando os elementos da pesquisa bibliográfica, destacando-se a memória e a oralidade e ensino de história.

2.1. HISTÓRIA E MEMÓRIA

Analisando as relações entre história e memória, se faz necessário esclarecer que essa relação é fundamental para a construção de identidades, sendo que a compreensão da relação e das diferenças entre estas duas categorias é a base para a construção da história oral.

O campo da memória se construiria, dessa maneira, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história. Mas, enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem a tona da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador. (MONTENEGRO, 2003, p.20).

O uso de memórias de história local em sala de aula é de vital importância, pensando que o aluno inicia sua construção de identidade a partir da história local, pois é dessa forma que ele se percebe e se posiciona como sujeito nos processos sociais, criando um sentimento de pertença, partindo de sua realidade, sendo um vínculo facilitador na construção dos saberes.

É papel do professor levar o aluno a perceber-se como agente da história, situação propiciada pelo estudo da História local, como enfatiza Clio & Dionísio (2012, [s/p]):

Ao trazer a História para o âmbito local, os agentes dessa história se enxergam. Aquele discurso de que não fazemos História cai por terra, é visualizada uma estrutura, onde sujeitos mais precisos se encontram. Não existe o grande general, nem mesmo o mito ou o herói, mas sim o sujeito simples, comum e seu cotidiano peculiar. O outro deixa de ser o objeto da História, neste momento o Eu também se transforma em objeto e agente dessa História.

Pensando na perspectiva global, leva a mostrar que o que ocorre localmente normalmente está ligado a acontecimentos do mundo, pois as questões locais se relacionam com as do mundo, como: economia, ambiente e educação, dessa forma levando o aluno a compreender que a História Local está inserida na História Global.

É por meio do ensino de História que o aluno passa a compreender seu papel como cidadão no contexto no qual está inserido, pois essa disciplina tem papel fundamental para auxiliar na leitura da contemporaneidade, ou seja, “está articulada ao modo como a experiência do passado é vivenciada e interpretada de maneira a fornecer uma compreensão do presente e a construir projetos de futuro”. (RÜSEN apud PARANÁ, 2008, p. 57).

Também utilizaremos o conceito de metodologia ativa, que é o processo em que o aluno está envolvido diretamente com sua aprendizagem, pois ele está diretamente envolvido na organização, pesquisa e entrevistas que serão realizadas ao longo do processo de criação do banco de memórias, incluindo o seminário com roda de entrevista.

Ao discutirmos uma educação cotidiana, engajada, abrimos uma possibilidade educativa muito importante, que além de provocar o aluno a compreender a sua realidade, também vai proporcionar o surgimento de um sentimento de pertencimento. Sendo este um importante instrumento que vai lhe possibilitar fazer a leitura de tudo o que está a sua volta, dando-lhe a possibilidade de compreender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal em que se encontra, indo ao reforço de autoestima dessa forma levando a valorização de sua cultura.

Pensando nesse universo sociocultural em que o aluno se encontra, o meio que o circunda, dentro da história local, se utilizando da história oral, com suas memórias, trazendo para mais próximo possível o estudo da história do município, do seu espaço de convivência diário, fazendo com que ele se torne mais significativo ainda, dentro das relações em que conseguimos estabelecer diante do mesmo.

Na sociedade atual, vivemos em meio à tecnologia, na era da informação a qual é difundida intensamente e diariamente por todos os meios que hoje temos disponíveis, como: televisão, rádio, telefone e internet, onde a oralidade se destaca nesse processo difusor da informação.

A educação é uma prática que se realiza tanto dentro da escola, como fora dela, sendo uma realidade ampliada e com diversas interpretações, dessa forma pensando que a educação se faz em espaços múltiplos, diversos também de possibilidades.

Paulo Freire (1994) diz que é preciso partir de uma abordagem social do processo educativo para termos uma educação pautada na interação do sujeito com o meio em que se encontra, sendo um processo que parte de sua realidade. Dessa forma é imprescindível conhecer a realidade em que se encontra, daí a importância da história local. Dentro desse processo envolvendo alunos, professores e a sociedade local.

Vilma de Lourdes Barbosa (2006) ao falar de história local, acredita que ela pode ajudar a redescobrir sentidos, proporcionar novas experiências educativas, porque a educação envolve sujeitos, sentimentos, afetividades, conhecimentos múltiplos e visões de mundo e a história local habilita o aluno conhecer a sua realidade, pois tem como raiz o seu município, onde cria laços afetivos e parentais.

A História local é vista como múltipla quando pensada a partir de diversos fatores como memória oral de antigos moradores, que será marcada pela subjetividade pela seletividade de lembranças, como a cultura material pois dialoga com arquitetura e museologia.

A Escola dos *Annales*, traz com sua crítica à história embasada em grandes personagens ou eventos políticos, sempre expandindo os estudos para o cotidiano, a história das minorias, a subjetividade do indivíduo, multiplicando assim os objetos e os problemas de pesquisa.

No século XX, os *Annales* e novos marxismos acionaram um processo de expansão de fontes e objetos de estudo que mais tarde permitirá um resgate maior das relações entre História e relatos produzidos pela Memória. Para captar as pessoas comuns, e não apenas os grandes indivíduos, e também as diversas dimensões da sociedade para além da Política (a Cultura, a Economia, as Mentalidades, etc.) estimula-se uma diversificação de fontes, que nas últimas décadas do século XX (particularmente a partir dos anos 1980) vão atingir também os relatos produzidos por Memórias, o que irá ocasionar o surgimento de um novo setor historiográfico: a História Oral. Essa também é reforçada pela nova ênfase na pessoa comum, nos indivíduos que habitualmente estão excluídos, enquanto singularidades, dos documentos escritos oficiais, dos jornais, das crônicas. (BARROS, 2009, p. 61).

Destacando assim o que antes estava silenciado ou não percebido pela história tradicional, quando o conceito de verdade histórica se baseava apenas no documento escrito e na objetividade do historiador. A partir de então, a construção historiográfica se dá a partir de uma diversidade maior de fontes, incluindo inclusive a oral, procurando não mais naturalizar as fontes, mas compreender que independentemente do tipo de fonte elas, “(...) não expressam um significado central, coerente, comunal, não são transparentes nem inocentes, foram produzidos segundo determinados interesses e estratégias, assim como implicam uma desigualdade na sua apropriação.” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 419).

2.2. ENSINO DE HISTÓRIA

O ensino de história vem passando por diversas mudanças desde o período instituído como disciplina, seja em reformulações, ocultamentos, embasamentos, assuntos tratados, pressões diversas dependendo dos períodos de nossa história, com diversos marcos.

Em seu artigo *Reflexões Sobre o Ensino de História* (2018), Circe Fernandes Bittencourt, escreve sobre o percurso do ensino de história no Brasil a partir de quando foi inserido nos currículos das Humanidades propostas para uma educação escolar nos países católicos ocidentais, a trajetória como disciplina escolar, seus objetivos, em meio a diversos confrontos sobre os mesmos, caracterizados principalmente pela exclusão dos diferentes grupos sociais dos sistemas de ensino dos séculos XIX ao XXI. Refere também das determinações das políticas educacionais, as práticas dos professores no processo de criação dos conteúdos e métodos nos currículos.

Bittencourt(2018) faz também uma síntese histórica dos objetivos do ensino de história, expondo os separados no ensino primário e no secundário, desde a primeira metade do século XIX onde um objetivava a finalidade fundamental de associar a constituição de identidades nacionais, até meados da década de 70 e 80 do século XX, onde ocorreu a tentativa de descaracterização da disciplina História com a sua diluição em Estudos Sociais, no período da ditadura, podendo dessa forma entendermos as mais diversas mudanças e finalidades para os mesmos.

No artigo *O ensino de História no Brasil suas funções e implicações políticas e sociais – Séc. XIX até a atualidade*, escrito por Marilen Fagundes Peres, Janete Schirmer, Tatiane Souza Ritter, as mesmas referem da criação do Colégio D. Pedro II, em 1837, no período regencial, como um marco na educação brasileira, criado com o objetivo de tornar-se escola-modelo de ensino secundário, os trabalhos pedagógicos com os alunos inicialmente atendiam ao ideário positivista que dominava a época.

Para Circe Bittencourt, o nascimento da disciplina de História, com “pleno direito” de ser inserida nos currículos educacionais ocorreu segundo os moldes positivistas que a marcam como “genealogia da Nação”, estando diretamente ligada com o ideal de construir e apresentar uma história da civilização e a construção de uma identidade comum da nação.

Flávia Eloisa Caimi, na obra *Conversas e Controvérsias: O Ensino de História no Brasil (1980 – 1998)*, refere que a fundação do Colégio D. Pedro II, foi um marco no qual a História como disciplina escolar passa a ser obrigatória, trata ainda do momento da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ressaltando que o quadro de profissionais docentes do colégio citado fazia parte dos intelectuais do IHGB. Assim,

Poucos anos após a independência do Brasil, em 1837, em meio ao período regencial e sob forte influência do pensamento liberal francês, foi criado no Rio de Janeiro o Colégio Pedro II, primeiro estabelecimento de ensino público de nível secundário no

país. No mesmo ano desse acontecimento, houve a regulamentação da disciplina de História, a ser ensinada a partir da 6ª série. Ainda em 1838, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, que passaria a orientar a história escolar desenvolvida pelo Colégio Pedro II. Se ao primeiro atribuía-se a função de formar os filhos da nobreza da corte do Rio de Janeiro, oferecendo-lhes uma preparação inicial para assumir os cargos burocráticos do Império, ao segundo cabia a responsabilidade, entre outras, de definir programas e métodos de ensino para a recém-nascida disciplina. (CAIMI, 2001, p.27-28).

Quem trata sobre a influência estrangeira, principalmente a francesa, nos manuais utilizados nas aulas da disciplina de história do Colégio D. Pedro II, é Elza Nadai, no livro: *“O Ensino de História No Brasil: Trajetória e Perspectiva*. Revista Brasileira de História. São Paulo. 1993. Diz ela,

A influência francesa foi assumida pelos seus próprios idealizadores. Bernardo Pereira Vasconcelos, Ministro e Secretário de Estado da Justiça do Império, discursando na sua inauguração em 25 de março de 1838 afirmou: “Foi preciso buscar no estrangeiro a experiência que nos faltava, a atuação irresistível que então exerciam sobre nós as ideias, as instituições e os costumes franceses, impôs-se o modelo francês” (Haidar 99). Coerentemente ao modelo proposto, desde o início, a base do ensino centrou-se nas traduções de compêndios franceses — para o ensino de História Universal, o compêndio de Derozoir, para História Antiga, o de Caiz e para História Romana, o de Durozoir e Dumont. Reformas posteriores cuidaram de adequar o programa de estudos do Colégio às últimas modificações realizadas nos Liceus Nacionais de França. Na falta de traduções, apelava-se diretamente para os próprios manuais franceses.

Com Francisco Campos, acentuou-se o fortalecimento do poder central do Estado e o controle sobre o ensino, com especial destaque a disciplina de história, sendo que o mesmo como Ministro da Educação e Saúde “... que promovera a reforma escola-novista de Minas Gerais em 1927, mas era católico e antiliberal...”. (HILSDORF, 2005, p.94)

. Com Vargas ocorre a expansão da escola pelas pressões de demanda, criadas pelas pressões sociais, ainda que o mesmo “não criou [tenha criado], todavia, condições para mudanças mais profundas, permanecendo a estrutura da escola a mesma do antigo regime”. (ROMANELLI, 1985, p.68).

Bittencourt, (2018, p. 139) ressalta o retorno da História do Brasil como disciplina autônoma na Reforma de Capanema, no ano de 1942, com princípios nacionalistas patrióticos e cívicos, com conteúdo distribuído em várias séries, mas mantendo o referencial da civilização europeia, tendo uma renovação curricular fundamentada nas Humanidades, continuava a se difundir as histórias das “guerras civilizadas” do mundo contemporâneo

acrescidas de uma história econômica que anunciava a importância do desenvolvimento tecnológico e escondia a história das revoluções socialistas contemporâneas.

Jefferson da Silva Pereira no texto: *O ensino de História durante a Ditadura Militar(1964-1985)* expõem que durante as décadas de 1950 e 1960 foram estabelecidas novas expectativas em relação ao ensino de história, sendo os conteúdos seccionados e influenciados por historiadores estrangeiros, num contexto de pós-guerra, quando os debates ocorreram no âmbito da escolarização, intensificaram-se as perspectivas e a história foi entendida a partir da sucessão linear dos centros econômicos hegemônicos de cana-de-açúcar, mineração, café e industrialização.

De acordo com Schimidt e Cainel (2004, p 11) é no contexto histórico-político da Ditadura Militar instaurada pós 1964, com o aparato do Estado todo sobre controle, que os militares entenderam que era necessário um maior controle sobre o sistema educacional. Dessa forma, surgiu a Lei nº 5.540/68, orientada pelos interesses do regime ditatorial imposto que trouxe consigo uma série de medidas que mudaram em muitos aspectos as políticas educacionais.

Através desta lei, que foi oficializado o ensino dos Estudos Sociais nas escolas brasileiras, ou seja, a historiografia foi repensada. Ficando os conteúdos específicos da História destinados somente ao segundo grau. FONSECA (1993, p. 25) afirma que o ideário da educação naquele período baseava-se também em um desenvolvimento econômico mediante o controle da Segurança Nacional. Para Selva Guimarães, este fato é explicado pela ordem política, fundamentalmente, nos propósitos do poder que agia no sentido de controlar e reprimir as opiniões e os pensamentos dos cidadãos, de forma a eliminar toda e qualquer possibilidade de resistência ao regime autoritário.

A Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, estabeleceu, em caráter obrigatório, como disciplina, as disciplinas de “Educação Moral e Cívica” e de “Estudos Sociais” em todos os sistemas de ensino no Brasil.

Introduzir as disciplinas sobre civismo significa impor a ideologia da ditadura, reforçada pela extinção da Filosofia e diminuição da carga horária de História e Geografia, que exerce a mesma função de diminuir o senso crítico e consciência política da situação. (VEDANA, 1997, p.54).

De acordo com Ana Paula Sampaio Caldeira, em “O lugar do ensino de história no Brasil da redemocratização”, que neste período aqui no Brasil os estudos sobre a escravidão, a sociedade colonial, o movimento operário, a história do livro e da leitura ou sobre a história das

mulheres, foram temas e objetos decisivos neste contexto de renovação historiográfica, trazendo novas questões e atores sociais para o universo de preocupação dos historiadores. Além de trazer análises mais preocupadas com as dinâmicas relacionais, o imaginário, os agenciamentos, os conflitos e a dimensão criativa e inventiva presente nas ações dos sujeitos históricos. Tendo como resultado dessa renovação a inserção no movimento de criação e ampliação dos programas de pós-graduação no país.

Como lembra Marieta de Moraes Ferreira sem desconsiderar todas as perdas que os anos de ditadura militar trouxeram para as universidades e para a Educação Básica, é visível o crescimento das pós-graduações brasileiras a partir da década de 1970. No que se refere à Educação Básica, se o governo militar deu um passo atrás com a criação dos cursos de licenciatura em Estudos Sociais (que reuniam História, Geografia e Organização Social e Política do Brasil), nos quadros da universidade, o incremento dos programas de pós-graduação em história acabaram por fortalecer a pesquisa histórica no país. Por outro lado, ajudaram também, como lembra a própria autora, a agudizar a tensão, existente desde a criação dos primeiros cursos universitários de história, entre a pesquisa e a formação de professores para trabalhar na Educação Básica (FERREIRA, 2016).

Levando para dentro das universidades nos cursos de graduação e pós-graduação, fazneod com que a partir de então muitas mudanças aconteçam, mas sempre girando em discussões das ideias.

Chegando ao século XXI com alguns debates empobrecedores em torno de questões relativas a educação e o ensino promovidos por grupos que defendem por exemplo “Escola sem partido” ou ainda nos últimos anos o Ministério da Educação trazendo propostas de mudanças do ensino médio.

Ana Paula Sampaio Caldeiro (2020) comenta também que,

A ideia de educar para uma sociedade democrática e, portanto, plural, e o compromisso em torno de uma educação que amplie a percepção de mundo, que envolva o debate e a participação de grupos sociais diversos e que promova os direitos humanos, tem perdido lugar para outra concepção de educação que é, para dizer o mínimo, conservadora e reafirmadora do que se aprende no seio da família ou dos grupos aos quais se pertence. É essa visão de educação mais restritiva que tem pautado o debate atualmente.

2.1.1. O ensino de história nos PCNs e na BNCC

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs (BRASIL, 1997), trazem os conteúdos para os primeiros ciclos do Ensino Fundamental que devem partir da história do cotidiano da criança, em seu tempo e espaço específicos, incluindo contextos históricos mais ampliados, partindo do tempo presente e denunciando a existência de tempos passados, modos de vida e costumes diferentes dos que conhecemos, sempre os relacionando ao tempo presente e ao que a criança conhece, para que não fique demasiadamente abstrato.

O ensino de história nas séries iniciais deve sempre considerar a história de vida da criança, com um ser histórico, com suas vivências, influências, experiências e conhecimentos empíricos, fazendo com que ela se perceba nesse espaço como agente transformador, participativo, interativo e responsável.

Para Cruz, o ensino de história nas séries iniciais é de suma importância:

Estudar História e Geografia na Educação Infantil e no Ensino Fundamental resulta em uma grande contribuição social. O ensino da História e da Geografia pode dar ao aluno subsídios para que ele compreenda, de forma mais ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e propositiva. (2003, p. 2).

Assim o ensino de história nos anos iniciais deve promover a reflexão e o professor é quem deve efetivá-la, dentro da maturidade da turma, partindo da própria história da criança, indo para a história local, devendo ser apresentada como algo vibrante, vivo, que desperte paixão e que colabore para a compreensão do mundo, na construção da identidade da criança. Buscando, dessa forma, envolvê-la num sentido de valorização de sua própria história, embasando assim a aquisição da história local e de mundo, vendo a interação que existe entre elas, para que tenha a consciência da interferência de seus atos na sua vida e do grupo em que esteja inserida, identificando todas essas conexões e entendendo as consequências.

Os PCNs de História e Geografia para o Ensino Fundamental, ressaltaram a importância do papel do ensino de História e o seu vínculo com a produção da identidade e que:

A opção de se introduzir o ensino de História desde os primeiros ciclos do ensino fundamental explicita uma necessidade presente na sociedade brasileira e acompanha o movimento existente em algumas propostas curriculares elaboradas pelos estados. (...) A demanda pela História deve ser entendida como uma questão da sociedade brasileira, ao conquistar a cidadania, assume seu direito de lugar e voz, e busca no conhecimento de sua História o espaço de construção de sua identidade. (BRASIL, 1997, p.4-5).

Para isso o professor precisa estar preparado para que esta construção da identidade seja estimulada, e que a História seja o veículo de identidade e memória, para que o aluno assuma seu direito de voz e vez, atuando com cidadania, reconhecendo seu espaço e agindo na sua construção de identidade pessoal e coletiva.

Sandra Regina Ferreira de Oliveira em seu artigo *o Ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia*(2003) traz discussões a respeito do lugar do ensino de História nas séries iniciais do ensino fundamental, levanta questões também como no campo da pesquisa no ensino de História onde poucos historiadores interessam-se pelo processo de construção do conhecimento histórico em crianças, quando muitos sequer acreditam na possibilidade da criança aprender História nas séries iniciais.

A autora fala também sobre a formação dos professores que trabalham nas séries iniciais a disciplina de história como sendo os pedagogos e os historiadores, que existentes lacunas em cada curso, da falta de articulação entre as mesmas quanto as metas do ensino de História para as séries iniciais, que mesmo quando as disciplinas denominadas pedagógicas são ministradas nos cursos de Pedagogia ou as disciplinas de Metodologia do Ensino de História são ministradas por historiadores, verifica-se uma certa desarticulação, evidenciando que os docentes do curso de História não estão preocupados com a formação do pedagogo e vice-versa.”

Com a Constituição de 1988, o art. 210 já indicava a necessidade fixação de conteúdos mínimos para o ensino fundamental, para assim assegurar a formação básica comum e também respeito aos valores culturais e artísticos nacionais e regionais (BRASIL, 1988).

O Brasil participou da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, em 1990, convocada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Banco Mundial. Como resultado da mesma sugeriram propostas voltadas para o cumprimento das necessidades básicas de aprendizagem e para a universalização do acesso à educação fundamental.

Em maio de 1993, aconteceu em Brasília a Semana Nacional de Educação para Todos, onde a partir de então o Ministério da Educação (MEC) coordenou a elaboração do “Plano Decenal de Educação para Todos” (1993-2003), concebido como um conjunto de diretrizes e estratégias voltadas para a promoção da educação básica com base nos princípios da equidade e qualidade. O qual em consonância com a constituição de 1988, reafirmou a obrigação do Estado de elaborar parâmetros curriculares que orientassem as ações educacionais na trilha dos ideais democráticos e na busca da qualidade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, vinha ao encontro desse princípio, afirmando:

Art.26. Os currículos de ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais de sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996).

No contexto das reformas educacionais brasileiras dos anos 1990, o MEC publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1ª a 4ª séries, em 1997, de 5ª a 8ª séries, em 1998, e de ensino médio, em 1999, acrescido do PCN + (Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais), de 2002.

Os PCNs apresentam uma proposta geral comprometida com o exercício da cidadania e com o respeito à diversidade, evidenciado na Introdução aos PCNs de 1ª a 4ª séries:

Cada criança ou jovem brasileiro, mesmo de locais com pouca infra-estrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, deve ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania para deles poder usufruir. Se existem diferenças socioculturais marcantes, que determinam diferentes necessidades de aprendizagem, existe também aquilo que é comum a todos, que um aluno de qualquer lugar do Brasil, do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural, deve ter o direito de aprender e esse direito deve ser garantido pelo Estado. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997: 28).

Os PCNs deveriam servir de referência para o trabalho de todas as áreas do currículo escolar (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira), propondo o trabalho com relevância para a sociedade mundial e brasileira, através dos temas transversais (ética, meio ambiente, pluralidade cultural, entre outros).

Referente à disciplina de História, os PCNs seriam uma referência aos professores na busca de práticas que incentivassem o gosto pelo saber histórico, eles faziam uma abordagem sobre a trajetória da disciplina escolar no Brasil, desde o seu surgimento, no século XIX, até o contexto de elaboração do referido document, defendendo o ensino de História comprometido com a construção da noção de identidade e com o exercício da cidadania. Tais princípios são afirmados no texto dos PCNs para o ensino fundamental da 1ª a 4ª séries:

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais. Para a sociedade brasileira atual, a questão da identidade tem se tornado um tema de dimensões abrangentes, uma vez que se vive um extenso processo migratório que tem desarticulado formas tradicionais de relações sociais e culturais. Nesse processo migratório, a perda da identidade tem

apresentado situações alarmantes, desestruturando relações historicamente estabelecidas, desagregando valores cujo alcance ainda não se pode avaliar. Dentro dessa perspectiva, o ensino de História tende a desempenhar um papel mais relevante na formação da cidadania, envolvendo a reflexão sobre a atuação do indivíduo em suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades e sua participação no coletivo. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997: 26).

Os conteúdos de História nas séries iniciais foram organizados em dois eixos temáticos: o primeiro ciclo (1ª e 2ª séries), a proposta é “História Local e do Cotidiano”, onde se propõem conteúdos voltados, preferencialmente, às diferentes histórias pertencentes ao local em que o aluno convive, dimensionadas em diferentes tempos, nessa proposta tendo uma preocupação com a História local como ponto de partida, a partir do qual os alunos ampliem sua capacidade de olhar seu entorno para a compreensão de relações mais amplas. No segundo ciclo (3ª e 4ª séries), o eixo sugerido é: “História das Organizações Populacionais”, onde a proposta é trabalhar diferentes histórias que permitam pensar as relações entre a coletividade local e as coletividades de outros tempos e espaços, sugerindo estudos comparativos para a percepção das semelhanças e diferenças, das permanências e transformações das experiências do homem no tempo.

Objetivos de História nos PCNs para o primeiro ciclo (1ª e 2ª séries):

- ❖ Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade;
- ❖ Reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais, de dimensão cotidiana, existentes no seu grupo de convívio escolar e na sua localidade;
- ❖ Reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas vivências cotidianas das famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência;
- ❖ Caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que vive ou viveu na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas;
- ❖ Identificar diferenças culturais entre o modo de vida de sua localidade e o da comunidade indígena estudada;
- ❖ Estabelecer relações entre o presente e o passado;
- ❖ Identificar alguns documentos históricos e fontes de informações discernindo algumas de suas funções.

Objetivos de História nos PCNs para o segundo ciclo (3ª e 4ª séries):

- ❖ Reconhecer algumas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua coletividade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado;
- ❖ Identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais;
- ❖ Identificar as relações de poder estabelecidas entre a sua localidade e os demais centros políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos;
- ❖ Utilizar diferentes fontes de informação para leituras críticas;
- ❖ Valorizar as ações coletivas que repercutem na melhoria das condições de vida das localidades.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no seu art. 9º, vem reiterar a determinação de que caberia a União estabelecer em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os municípios as competências e as diretrizes para educação infantil o ensino fundamental e o ensino médio para nortear os currículos e seus conteúdos mínimos assegurando uma formação básica comum.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais instituíram os objetivos e os modos de organização da educação brasileira, tendo sido apontado os principais conteúdos que deveriam ser trabalhados, dando uma diretriz as redes de ensino para elaborarem os seus currículos. No ensino de história, os parâmetros eram uma referência para os docentes para uma organização dos seus problemas ensino e uma seleção de práticas educativas estimulando o pensamento histórico, defendendo um ensino de história empenhado com a formação da identidade e o pleno exercício da Cidadania, criticando as abordagens centradas na memorização dos conteúdos considerando as tradicionais (BRASIL, 1997).

Foi com o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que se criou a previsão do ensino de história no ensino fundamental I, mesmo que nessa etapa o objetivo central fosse a alfabetização, deixando em segundo plano os conhecimentos históricos uma vez que os professores "acreditam que, primeiro é preciso ensinar a ler e a escrever, para depois ensinar a aprender história" (SILVA; FONSECA, 2010 p.24). Eles destacam a importância da leitura e compreensão de mundo trazida por Freire:

O “foco na alfabetização”, todavia, não pode perder de vista as diversas dimensões que o processo envolve, pois, como nos ensinou Paulo Freire, ler é ler o mundo: não podemos aprender a ler as palavras sem a busca da compreensão do mundo, da História, da Geografia, das experiências humanas, construídas nos diversos tempos e lugares. Isso requer de nós outra concepção de aprendizagem da Língua Portuguesa e da História. (SILVA E FONSECA, 2010, p.24).

Em 2014, o Plano Nacional de Educação (PNE), estabeleceu 24 metas para a educação brasileira, sendo que na meta 7, reafirmou a necessidade de estabelecer e implantar, mediante pactuação federativa diretrizes pedagógicas para Educação Básica e a Base Nacional Comum dos Currículos.

Dessa forma, a ideia de um currículo comum já estava sendo pensado há duas décadas, mas após o PNE foi materializada pela edição da Portaria nº592, de junho de 2015, que instituiu uma comissão de especialistas para a elaboração da proposta da Base Nacional Comum Curricular, com sua primeira versão publicada em setembro de 2015.

Essa primeira versão foi submetida à sociedade civil para ser discutida e depois desse processo uma segunda versão para ser encaminhada ao Conselho Nacional de Educação.

Nesse documento a História é tratada como parte essencial do processo de alfabetização e da formação do pensamento autônomo, podendo ser entendida como um consenso entre especialistas e gestores públicos, de modo que a BNCC manteve a disciplina nos anos iniciais, estabelecendo o conjunto de habilidades a serem desenvolvidas a partir dos objetos de conhecimento próprios desse nível de escolaridade, destacando a valorização da leitura de fontes históricas variadas no processo de aprendizagem, bem como a presença de temas ligados à cultura local e nacional.

Segundo Silva e Guimarães (2018), as mudanças políticas e educacionais dedicam especial atenção à História na Educação Básica, particularmente no Ensino Fundamental, etapa inicial da formação escolar. Por meio de instrumentos legais, diretrizes, políticas e modelos de formação de professores, avaliações em grande escala, livros e materiais didáticos, o Estado chega às escolas e às salas de aula nas diferentes regiões do país.

Ao apresentar os objetivos da História, enquanto disciplina escolar, o documento ressalta a necessidade de “estimular a autonomia do pensamento e capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugares quais vivem” (BRASIL, 2017, p.398).

O documento enfatiza que os professores devem fomentar a diversidade de análises e proposições, dando condições para que os estudantes “construam as próprias interpretações, de forma fundamentada e rigorosa”, indicação que expressa, em alguma medida, a preocupação de que a disciplina não opere na chave do relativismo,

mas que consolide a ideia de que o conhecimento histórico, pela sua natureza argumentativa, demanda investigação, embasamento e racionalidade (LIMA, 2019, p.9).

Quadro 1 - Competências específicas de história para o ensino fundamental

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

Fonte BRASIL (2017).

O conceito de competência empregado na BNCC é definido como a capacidade de “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p.8). Assim,

No que tange às habilidades, na área de História, sobressaem as habilidades cognitivas, nesse sentido os verbos de ação das habilidades indicam os processos cognitivos a serem desenvolvidos e denotam uma progressão do raciocínio. Desse modo, elas foram estruturadas em níveis de complexidade crescente, ou seja, do mais simples ao mais complexo, isso significa que para adquirir uma nova habilidade, o aluno deve ter dominado e adquirido a habilidade do nível anterior. Nos Anos Iniciais, “identificar” é o processo cognitivo mais recorrente (ver tabela 1) e se encontra no primeiro nível da Taxonomia de Bloom. (ver tabela 2) (LIMA, 2019, p.9).

Tabela 1 - Objetivos educacionais e suas recorrências nos anos iniciais no ensino fundamental

OBJETIVOS EDUCACIONAIS	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO
Identificar	6	7	10	7	4
Compreender	-	2	1	-	-
Descrever	1	1	1	1	-
Distinguir	1	-	-	-	-
Organizar	-	1	-	-	-
Utilizar	-	1	-	-	-
Conhecer	1	-	-	-	-
Reconhecer	1	1	-	1	-
Selecionar	-	3	1	-	-
Compilar	-	1	-	-	-
Registrar	-	-	1	-	-
Mapear	-	-	1	-	-
Comparar	-	-	2	-	2
Relacionar	-	-	-	1	1
Discutir	-	-	1	3	-
Analisar	-	-	-	2	2
Associar	-	-	-	-	2
Inventariar	-	-	-	-	1
Avaliar	-	-	-	1	1

A tabela 1, traz as habilidades e suas recorrências nos Anos Iniciais dentro da BNCC, podendo-se verificar a progressão do raciocínio, estruturadas com níveis de complexidades crescentes, aumentando o grau de dificuldade de acordo com o avanço de cada ano.

Quadro 2 - Habilidades de História e a Taxonomia de Bloom.

Categoria	Habilidade
Conhecimento	Identificar, descrever, conhecer, reconhecer, relacionar, distinguir, registrar
Compreensão	Identificar, compreender, descrever, conhecer, reconhecer, distinguir, discutir
Aplicação	Identificar, conhecer, selecionar, organizar utilizar
Análise	Selecionar, mapear, comparar, relacionar, analisar, associar, inventariar, distinguir
Síntese	Compilar, relacionar, organizar
Avaliação	Comparar, avaliar

Fonte: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/9072/7034>

Antoni Zabala e Laila Arnau (2014) afirmam que a noção de competência surge como resposta às limitações do ensino tradicional, pautada na transmissão e na memorização dos conteúdos que dificulta a aplicação desses conhecimentos na vida real. Para os autores, a competência pressupõe a “existência de estruturas cognoscitivas” que permitem a ação e a habilidade que, por sua vez, consiste em um conjunto de ações que servem para a obtenção de um objetivo. Desse modo, “para que as habilidades cheguem a um bom fim, devem ser realizadas sobre objetos de conhecimento, ou seja, fatos, conceitos e sistemas conceituais” (ZABALA; ARNAU, 2014).

Os objetos de conhecimento da área de História, nos anos iniciais, enfatizam a construção do sujeito, entendendo que é nessa etapa que a criança “toma consciência da existência de um ‘Eu’ e de um ‘Outro’”, sendo esta segunda alcançada pelo “exercício de separação dos sujeitos”, de modo que o objetivo é desenvolver a “capacidade de administrar a sua vontade de maneira autônoma, como parte de uma família, uma comunidade e um corpo social.

Nas grandes temáticas, do 1º ao 5º ano, as habilidades trabalham com diferentes graus de complexidade, mas o objetivo principal é reconhecer o ‘Eu’, do ‘Outro’ e o ‘Nós’. Assim os temas partem de uma escala mais próxima da realidade dos estudantes, para gradativamente ir ampliando o referencial. Sendo o ponto de partida a família, a escola e a comunidade local.

Podendo perceber os graus de complexidade e dentro da ampliação da habilidades dentro de cada ano escolar nas tabelas 1 e 2 acima organizadas.

No 3º ano, amplia-se a escala para contemplar “a noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade, com ênfase nas diferenciações entre a vida privada e a vida pública, a urbana e a rural” (BRASIL, 2017, p.402).

Quadro 3 - Habilidades do componente de história do 3º ano do ensino fundamental

(continua)

(EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
(EF03HI02) Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.
(EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
(EF03HI04) Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.
(EF03HI05) Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seu significado.
(EF03HI06) Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.
(EF03HI07) Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.
(EF03HI08) Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
(EF03HI09) Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores etc.) e identificar suas funções.

(conclusão)

(EF03HI10) Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.
(EF03HI10) Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.
(EF03HI11) Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos.
(EF03HI12) Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências

Fonte Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

Foi com base das habilidades antes descritas que concebemos o material de apoio que caracteriza-se como nosso produto, com algumas modificações decorrentes do contexto de Pandemia da COVID 19 que impossibilitou a produção colaborativa do material, que foi concebido inicialmente para ser confeccionado com a participação efetiva dos alunos na coleta e seleção de temas e materiais, bem como com o auxílio da comunidade do município, pois através de suas memórias, daí nossa proposta inicial de utilizar da história oral como uma ferramenta para produção de fontes históricas, de forma coletiva conseguiríamos sistematizar e organizar as informações que resultariam no material de apoio.

Em razão da COVID 19 que fez com que as aulas se tornassem remotas, não foi possível dar continuidade ao planejamento inicial, de sorte que acabei por organizar o material de apoio pensando na necessidade e nas demandas dos docentes que trabalham com as séries iniciais.

Utilizaríamos para tanto, das contribuições e do aporte das denominadas metodologias ativas. A metodologia ativa vem sendo muito utilizada nos mais diversos espaços de conhecimento, sendo que nesse formato os alunos se tornam agentes ativos do processo de pesquisa, organizando questões pertinentes do seu espaço de vivência, fazendo com que isso se torne mais significativo, usando da oralidade que por milênios, antes da escrita, transmitia as informações de nossos ancestrais mais longínquos de geração a geração.

A organização colaborativa do material de apoio para o ensino da história do município, com imagens, personagens, habitantes locais, faria com que o aluno se sinta parte dessa história sendo significativo para o mesmo, de forma desafiadora para ampliar suas habilidades e

competências, tendo o professor um papel muito importante na maneira com que organiza, estimula, direciona seus alunos.

Moran em *Metodologias Ativas Para Uma Aprendizagem Mais Profunda* (2018) fala sobre o professor curador, que direciona para o que é relevante, também no sentido de cuidador, que acolhe, estimula, orienta, estimula o aluno, o grupo todo, necessitando ser um gestor de atividades múltiplas e complexas.

Quanto mais aprendamos próximos da vida, melhor. As metodologias ativas são pontos de partida para avançar nos processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas. (MORAN, 2015, p. 4).

Quanto maior a interação, maiores serão as conexões, as reflexões, dá sentido, torna próximo, dá vida, chama atenção, relaciona, amplifica.

Prince (2004) aponta que a metodologia ativa da aprendizagem torna os alunos ativos na busca de informações e pesquisas para posterior reflexão sobre os conteúdos estudados.

De acordo com Sholten (2015) o envolvimento ativo do aluno em experiências concretas leva a melhoria do aprendizado, assim como maior engajamento do mesmo com o assunto em questão, aumentando a capacidade de compreender relações complexas não-mecanicistas e o desenvolvimento de habilidades de ordem superior (PIERCY et al., 2012).

O uso de metodologias ativas de aprendizagem busca efetivamente explorar a relação entre teoria e prática (NOVAIS; SILVA; MUNIZ JR., 2017) e têm sido perseguidas por educadores e instituições educacionais que buscam uma graduação mais substancial focada no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para futuros profissionais (MARTINEZ et al., 2010).

Nesse sentido fica a sugestão de atividade para os professores que ministram história nos anos iniciais do ensino fundamental sobre a importância da produção colaborativa, com especial destaque a questão histórica, pois isso fortalecerá o sentimento de pertença dos alunos, que se sentirão partícipes do processo histórico, especialmente quando privilegiamos a memória dos mais idosos acerca do nosso município.

3. CONTEXTO E ELABORAÇÃO DO PRODUTO

Nesse capítulo apresentaremos ao leitor o processo de concepção, organização e elaboração do material de apoio, sendo necessário uma apresentação sumária do município onde o utilizaremos o material.

3.1 CONTEXTO

O recorte espaço-temporal que orientou a elaboração e nosso produto foi o município de Nova Candelária/RS, emancipado em 28 de dezembro de 1995. A escolha deveu-se ao fato de atuar como docente do ensino fundamental (fundamental 1 e fundamental 2) na rede municipal. Nesse sentido a produção desse material auxilia diretamente no meu trabalho docente e no trabalho dos colegas da área.

O município de Nova Candelária tem sua Lei Estadual de Criação de nº10.635 de 28/12/1995, sua Instalação Político-Administrativa em 01/01/1997. Seu plebiscito a população em 22/10/1995.

Está inserido na Região do Vale do Alto Uruguai e faz parte da Microrregião do Grande Santa Rosa, localizando-se ao Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, seus habitantes se chamam nova-candelarienses. Conta hoje com uma área de 97,8 km² e contava com 2751 habitantes no último censo (2010), com uma densidade demográfica de 27,6 habitantes por km² no território do município, tem seus limites com os municípios de Boa Vista do Buricá, Três de Maio, Humaitá e Sede Nova, se situa a 21 km a Norte-Leste de Três de Maio a maior cidade mais próxima.

Emancipado há pouco mais de 20 anos, existe uma produção bibliográfica referente a sua história local bastante pobre, sendo apenas encontrada parte dela nas histórias dos municípios a qual seu território fez parte antes de sua emancipação político administrativa.

A rede municipal de ensino de Nova Candelária conta hoje com apenas três escolas:

- i. Escola Municipal de Educação Infantil Mundo Encantado na área urbana da cidade com atendimento de crianças dos 4 meses aos 3 anos de idade, com 126 crianças;
- ii. Escola Municipal de Ensino Fundamental Dirce Margarete Grösz, que atende desde a pré-escola até o quarto ano do ensino fundamental, localizada na área urbana, com 125 alunos;

- iii. Escola Municipal de Ensino Fundamental Papa Pio XII, que atende crianças desde a pré-escola até o nono ano do ensino fundamental, se localizando na área rural do município, com 128 crianças.

Todas as escolas contam hoje com acesso à internet e equipamentos de informática disponível para área administrativa, professores e alunos, inclusive recebendo recursos, a nível federal, do Programa Educação Conectada com investimentos em infraestrutura de rede internet.

3.2 – PENSANDO UM MATERIAL DE APOIO DE ENSINO DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA-RS

Quando da organização do projeto, ele foi pensado em forma colaborativa contando com a participação dos alunos na organização de um seminário. O intuito desse seminário seria a organização de um banco de memórias orais da história local do município, que seria a principal fonte do material de apoio. Inclusive para a qualificação este foi o tema organizado para apresentação.

Para esse seminário seriam convidadas diversas pessoas, dos mais diversos segmentos do município, para que colaborassem com relatos orais, os quais seriam registrados em forma de gravação e mais tarde transcritos.

Primeiramente a proposta do trabalho sobre o produto, tendo o cronograma dos meses de março e abril de 2021, quando ocorreria a organização do *Seminário da História Local*, quando nesse período os alunos do quarto e quinto ano dos anos iniciais do ensino fundamental iriam organizar, juntamente com o professor, algumas questões a serem levantadas durante o seminário, pessoas a serem convidadas e organização dos trabalhos.

Assim como a pandemia teve seus reflexos em todos os setores da sociedade, a educação também foi diretamente atingida. As escolas de Educação Básica pararam da mesma forma como acabou acontecendo na educação superior. Necessitando de uma reorganização na forma de trabalho, e inviabilizada para o regime presencial, exigiu-se um formato remoto, no qual toda a comunidade escolar necessitou se adaptar.

Sabemos o quanto desafiador foi esse processo do ensino remoto e agora híbrido, o quanto todos tiveram que se reinventar na maneira de ensinar a aprender, do como aconteceria a partir de então esse processo de ensino aprendizagem que antes estava tão próximo, mas que agora o remoto, o distanciamento trouxe tantas questões que antes não eram presentes,

evidenciando principalmente as dificuldades de contato nesse primeiro momento. Percebendo-se ainda mais as diferenças sociais e econômicas que a pandemia acentuou.

Vimos diante desse afastamento e das condições gerais da pandemia que os alunos ficaram desmotivados para a realização de atividades e acompanhamento de aulas, perdendo foco e dessa forma criando lacunas que diante das avaliações diagnósticas foram percebidas o quanto profundas essas são, gerando uma grande preocupação do cenário atual.

De acordo com a programação feita para a qualificação, o seminário aconteceria nos primeiros meses do ano letivo de 2020, mas como logo do início do ano letivo iniciou-se a pandemia do Coronavírus, essa organização teve que ser revista, devido a suspensão das aulas presenciais, com o afastamento social das pessoas, para uma maior segurança de todos.

Diante do prolongamento da pandemia, da não possibilidade de realização do seminário, em função de evitar aglomerações, optou-se pela mudança do produto primeiramente pensado para ser uma organização de um banco de memórias orais da história local, para a produção de um material didático para o ensino de história nas séries iniciais, referente à história local, sem a participação dos alunos e da comunidade.

Mesmo com a mudança do produto, manteve-se como tema principal, a história local para os anos iniciais, assim iniciou-se a busca por bibliografia que pudesse servir de suporte para organização desse trabalho.

Devemos destacar que encontramos pouca bibliografia referente à história local do município de Nova Candelária, sendo que os municípios-mãe, como Crissiumal e Boa Vista do Buricá, organizaram um material bibliográfico em que, de certa forma, se privilegiou mais questões de ordem político-administrativas, enfatizando algumas pessoas “mais importantes” para a sociedade daquele período. Poucas informações foram encontradas em produções acadêmicas, mas nenhuma dessas produções acadêmicas era diretamente ligada à história local.

Inclusive hoje administração municipal vem buscando auxílio para organização de um livro contando um pouco da história do município, dessa forma cabe destacar também o papel ativo da Secretaria de Educação e Cultura junto a todos os setores da sociedade, na busca de relatos, objetos, bibliografias e documentações relativas à mesma.

Analisando os objetos de conhecimento¹ do ensino da história no terceiro ano do ensino fundamental, percebeu-se que está seria a turma escolhida para criação de um material didático de apoio aos professores.

¹ Objetos de conhecimento: são os conteúdos, conceitos e processos organizados em diferentes unidades temáticas que possibilitam o trabalho multidisciplinar, e são aplicados a partir do desenvolvimento de um conjunto de habilidades.

A organização desse material didático foi pensado para ser integrado ao material didático que é enviado pelo Ministério da Educação através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático, tendo em vista sempre que possível colocar exemplos e informações locais, pensando serem espaços já naturalizados pelos alunos, fazendo com que isso se torne mais próximo, integrado a realidade dos mesmos, servindo de importante material de apoio.

Ainda em decorrência da pandemia e do ensino remoto ou ensino híbrido, adequações se fizeram necessárias, principalmente na utilização de recursos digitais, plataformas educativas em que de forma rápida os alunos tinham disponíveis em sua casa o material didático para as suas atividades escolares. Sabemos que as desigualdades sociais são enormes e que nem todos têm os mesmos meios de acesso, diante das mais diferentes realidades do nosso território brasileiro, mas essa desigualdade não é tão sentida em nosso município.

Pensando na realidade dos alunos das escolas do município de Nova Candelária percebemos que eram poucos os alunos sem esse acesso e tecnologia digital, sendo estes menos de 1%, sendo que para esses foi necessário a entrega de material físico das atividades encaminhadas pelos professores para que os pais ou responsáveis retirassem junto às escolas as atividades ou ainda em casos específicos a própria administração municipal disponibilizava um carro para levar o material nas residências desses alunos. Isso ocorreu em período em que o número de casos de coronavírus ativos no município estava bastante alto, de sorte que tal medida contribuía para diminuir a circulação dos pais ou responsáveis de uma comunidade para outra.

No ano de 2020 as atividades eram praticamente todas em formato físico. Em 2021 as aulas também começaram a ser ministradas de forma online através de plataformas digitais, com chamadas de vídeo, gravação e envio de vídeos e áudios dos professores, o uso de plataforma educacional com sala de aula virtual, responsável pela interação aluno-professor.

Esse material didático foi pensado em um formato de *e-book* percebendo hoje o quanto o formato digital é de fácil acesso e disseminação, sendo as mesmas atraentes para os alunos, além da questão de custo muito inferior a impressão.

Hoje tanto em casa quanto na escola os alunos da rede municipal de Nova Candelária têm acesso a smartphones, computadores, notebooks, tablets e Chromebook, são os diferentes meios e quando eles são utilizados nas atividades escolares, se percebe o quanto eles gostam e interagem, claro que sempre de acordo com os estímulos e o direcionamento que os professores fazem, mas é o momento em que eles podem interagir diretamente, pesquisando, criando e redefinindo.

Todas as escolas do município hoje estão organizadas com equipamentos que são levados de uma sala para outra, não existindo mais o laboratório de informática que sempre foi o centro da tecnologia na escola.

O material digital, *e-book* ou em outros formatos pode ser acessado rapidamente, disponibilizado para as turmas, pode ser recortado, copiado e colado, organizado de diferentes formas quando necessário, desde que estejamos diante de licenças abertas de uso.

Ao mencionar da organização do *e-book* com os professores, a maioria concorda da importância, afirmando que tal ideia poderia chegar a outras disciplinas, demandaria sim de tempo de planejamento, mas serviria de material de apoio muito importante sempre direcionado a realidade dos alunos para, na sequência relacionar com as mais diversas realidades a nível regional e global.

Na organização desse *e-book*, inicialmente buscamos material bibliográfico disponível, tendo encontrado três edições de livros do município de Boa Vista do Buricá os quais foram organizados mais no formato do trabalho político administrativo do município, trazendo as principais casas de comércio da cidade e das comunidades interioranas, organizações religiosas e escolares do período.

O município de Crissiumal que também é município mãe de Nova Candelária, também tem um material bibliográfico organizado numa lógica parecida com a de Boa Vista do Buricá, mas ela também traz um pouco mais a história de cada localidade, claro que com a escolha de algumas pessoas que contaram a história de vida e dessa forma se organizou um pouco da mesma.

Na busca de bibliografia de produções acadêmicas encontrou-se pouquíssimas informações, as quais relacionadas principalmente a suinocultura, que no município de Nova Candelária, assim como nos vizinhos também, teve e ainda tem uma importante função econômica, sendo ainda no município que traz o maior retorno do ICMS. De acordo com a publicação do Diário Oficial do Estado no dia 27 de novembro, o setor primário em Nova Candelária representa 66% da arrecadação do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). Com base nos dados de 2019, o valor adicionado pelo setor ultrapassa R\$ 149 milhões ao ano.

A suinocultura representa 62 % deste total, seguida da bacia leiteira, com 22%. Na sequência está a produção de soja com 8% e milho, representando 5%.

Junto ao museu municipal buscou-se fotografias antigas, objetos e documentos que pudessem servir de fonte para o material didático a ser organizado. Assim como também de moradores mais antigos que também tem um rico material em suas coleções particulares, da

mesma forma relatos e objetos antigos guardados ou por diversas vezes jogados em porões, galpões ou em algum gaveta.

Também utilizamos de livros do PNLD para entender a organização dos mesmos quanto a textos, imagens, atividades referentes ao ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental, a disponibilidade das habilidades e competências de acordo com o material abordado.

Sabemos que o material didático é de grande ajuda em sala de aula para os professores, principalmente quando estes trazem juntamente, objetos do conhecimento, as habilidades e competências que devem ser trabalhadas de acordo com o que traz a BNCC e também o Referencial Curricular Gaúcho.

A Secretaria da Educação do município de Nova Candelária organizou sua proposta curricular baseada na BNCC e no Referencial Curricular Gaúcho, adicionando as especificidades locais necessárias.

Ao iniciar a organização do *e-book*, trazendo a questão da história local, dentro das habilidades e competências do 3º ano do ensino fundamental, iniciamos tratando sobre as moradias, dos seus mais diversos tipos, de diversas regiões do Brasil e também imagens de residências antigas e recentes do município, dando bastante ênfase ao estilo germânico, trazido principalmente pelos imigrantes de origem alemã.

Também ao longo do trabalho trazendo imagens do mesmo espaço em períodos diferentes, o passado e o presente lado a lado de certa forma, observando as mudanças que se fazem presentes, evidenciando diversos fatores e explorando a observação das crianças principalmente.

As festas populares foram bastante abordadas em função da questão cultural que envolvem, principalmente em municípios pequenos onde a população tem grande participação proporcionalmente, como exemplos as festas e bailes de *Kerb*, as festas juninas, festas dos padroeiros das comunidades, onde ocorrem uma grande integração da população, sendo muito aguardados durante o ano.

Como tem a participação familiar nessas festas, envolvendo toda a comunidade os alunos irão conseguir se familiarizar quando as mesmas forem trabalhadas e dessa forma também indo para as demais regiões brasileiras percebendo as diferenciações entre as festas populares pelo Brasil. Fazendo com que os alunos percebam que as festas populares trazem uma questão cultural do porquê acontecem, trazendo as questões histórias que as envolvem. Em Nova Candelária enfatizando também a *Schweifest* que é uma festa tradicional do município em função do grande potencial da suinocultura, que há vários anos o produto que mais traz

retorno do ICMS, dessa forma é sempre festejada no mês de dezembro nas festividades da semana do município. Envolvendo toda a questão do surgimento da suinocultura no município, a sua evolução e seus retornos.

Ao entrar na questão de município uma organização dentro do estado e país, e sua estrutura interna com a cidade e localidades, as diferentes áreas do mesmo, com fotografias locais, adicionado o mapa do município, podendo trabalhar em sala programas e aplicativos como o google Earth com fotos de satélite, observando seus limites e localização de suas moradias.

Os símbolos do município também são trazidos, bandeira e o brasão com toda a explicação de sua origem e os seus significados, relacionados a história local, questão do trabalho, empreendedorismo, religiosidade, origem agrícola.

A Lei de criação do município, com os dados de território, localização e a reorganização frente ao novo território vindo parte de Boa Vista do Buricá e outra de Crissiumal.

Os diferentes tipos de bairros que existem na cidade, mesmo em um município pequeno com uma população estimada em torno dos 3000 habitantes, fazendo com que os alunos percebam essas diferenças, podendo se fazer uma caminhada pela cidade, observando e identificando as principais diferenças entre os bairros residenciais, comerciais e industriais. Citando exemplos de bairros no passado e no presente, o crescimento ao longo do tempo, as mudanças que ocorrem.

Os espaços públicos e privados podem ser identificados quando os alunos transitam pela cidade observando a diferença entre o que é um espaço público e o que é um espaço particular ou privado, utilizando imagens locais, deixando isso bem mais prático e próximo. Exemplos do dia a dia, de onde transitam com suas famílias, os tipos de propriedades da própria família auxiliam na diferenciação do público e do privado.

Os modos de vida no campo e na cidade também presentes, o modo de vida dos primeiros colonizadores e o modo de vida das populações atuais que trabalham no campo e na cidade evidenciam principalmente as mudanças e a partir do estímulo a observação e análise do que está mais próximo, através de conversas com familiares de diferentes idades permite perceber as mudanças e a passagem do tempo.

A história do município encontrada no material pode ser feita a partir de fontes escritas, vídeos gravados com moradores mais antigos no município, fotos. Iniciamos referindo os primeiros moradores antes de 1930, indígenas e caboclos, para na sequência tratarmos da chegada dos primeiros colonizadores a partir de 1930, do seu modo de vida, organização inicial,

da criação de suínos e como isso se tornou uma das principais atividades econômicas no município.

Trazendo também o importante tema do patrimônio cultural, os conceitos de patrimônio material e imaterial, exemplos dos mesmos e os patrimônios locais do município.

O *e-book* foi organizado com 40 páginas, trazendo pequenos textos introdutórios, os quais os professores poderão aprofundar de acordo com a organização e interesse. Além dos textos também traz inúmeras imagens, pois sabe-se do quanto as imagens chamam a atenção das crianças nessa faixa etária, lhes parecendo mais concreto para assimilação do que se quer trazer. Dentro do processo de aprendizagem as imagens são de grande importância, principalmente a alfabetização, quando a criança tem dificuldades de decodificar o código escrito ou quando ela começa a entender o mundo, as imagens que farão a ligação delas com os símbolos, desenhos, placas, figuras, mídias e banners. O ato de ler vai além do reconhecimento de letras e palavras, podendo se fazer a leitura de milhares de informações do que nos rodeia no dia a dia, assim, “A leitura de precede a leitura da palavra”, conforme Freire (2002, p. 11).

As imagens utilizadas são de acervo pessoal, quando se foi a campo fazer os registros dos espaços que foram inseridos e do acervo do município de Nova Candelária, Museu, de pessoas da comunidade, assim também como de banco de imagens disponíveis na internet.

O *e-book* contém também sugestões de textos de aprofundamento, sendo um material complementar para que o professor possa também buscar mais informações para construir um conhecimento maior sobre o tema em que for trabalhar em sala de aula com os alunos, podendo dessa forma explorar ao máximo, analisando as habilidade e competências que podem ser estimuladas.

Algumas atividades de sugestão também estão inseridas no material, hoje a internet traz uma imensidão de material compartilhado entre os profissionais da educação, mas por diversas vezes demora peneirar tudo isso, demandando bastante tempo de planejamento, organização e cuidado, devido a isso se optou em inserir as mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de história voltado para a história local tem o objetivo de despertar no aluno a noção de que ele é formador ativo da história de sua comunidade, de uma Nação, para se entenderem como sujeitos históricos, fazendo parte de uma formação histórica, sendo de grande importância na construção social, valorizando sua própria história e cultura, de forma a não serem apenas expectadores, mas sim agentes transformadores.

Nesse sentido o ensino de história ganha centralidade a partir das denominadas metodologias ativas e seus pressupostos de produção colaborativa e protagonismo do aluno, nossa proposta inicial de trabalho.

O intuito desse trabalho foi de organizar um material de apoio ao ensino da história do município, o qual possa servir de amparo aos professores, que até o presente momento praticamente não existe outro material que trate da história local do município de Nova Candelária, organizado principalmente para o uso no 3º ano do ensino fundamental.

A pandemia fez com que o trabalho e o produto tivessem que ser mudados, pois não houve a possibilidade de realizar o planejado no trabalho de qualificação. Então foi necessário a adaptação, a reorganização, saindo de uma organização de um banco de memórias para um material de apoio, continuando sim dentro da história local, pela importância do tema pensado no nosso trabalho de sala de aula, a efetiva situação problema.

A organização do produto se deu em um modelo de *e-book* devido ao uso enorme que hoje temos das mídias digitais, temos um crescente aumento ao após ano dessa utilização, o acesso aos meios está muito mais facilitado em função principalmente de smartphones, que estão em praticamente todos os lares hoje e com eles o acesso a internet. Segundo o IBGE, em 2019, mais de 90% dos domicílios que brasileiros que acessaram a internet a fizeram através de um smartphone.

Os professores podem usar o material como suporte, mas podem também ampliar a base de imagens, aprofundamento dos textos, as sugestões de vídeos, pois como cada um tem seu modo de trabalho e organização pode adequar o mesmo. E todo material organizado, quanto mais utilizado e analisado, por quanto mais pessoas, sempre vai poder melhorado, agregando e enriquecendo ele.

Por isso pensamos ser de fundamental importância essa ideia do ProfHistória de criar um produto para o uso em sala de aula. É no chão da sala de aula que percebemos as reais necessidades pedagógicas que ali são vivenciadas. Dessa forma fazendo uma ponte direta do “mundo” acadêmico com o “mundo” escolar – visto que diversas vezes o que os pesquisadores

produzem nem sempre pode ser utilizado em sala de aula – percebemos essa possibilidade como importante.

Devemos referir ainda que o exercício de elaborar um material de apoio, pensando nos alunos e nos colegas que podem utilizá-lo, foi um desafio muito importante, especialmente no contexto de produção pelo qual passamos.

Além de cursar as disciplinas e pensar uma dissertação que articulasse prática pedagógica com reflexões acadêmicas com as quais eu estava distante a muito tempo, foi um exercício muito trabalhoso mas rico. O ProfHistória possibilitou cursar um Mestrado, trabalhando em sala de aula, mais de 50 horas semanais, tendo família para sustentar e amparar, com poucos recursos financeiros. Isso seria impossível em um Mestrado Acadêmico.

Ao final desse trabalho imagino ter conseguido conceber e organizar um material de apoio que servirá para qualificar a minha prática docente, além de auxiliar colegas que ministram a disciplina de história para as séries iniciais em meu município e que não tem formação em história.

Informo ainda que nosso próximo desafio é disponibilizar para a rede municipal o material elaborado, sendo que já contatamos com a Secretaria de Educação no sentido de verificar a possibilidade de colocá-lo no site da mesma. Imaginamos ainda a possibilidade de publicar o material de forma física, com a organização de uma editora de tal forma a disponibilizar exemplares físicos para cada uma das escolas do município de Nova Candelária.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História Local: redescobrimos sentidos. **Saeculum**, Revista de História. João Pessoa. v. 15. p.57-85. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11357/6471>>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. LDB. 9394/1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo - SP: Editora Contexto, 2005.
- BITTENCOURT, C. F. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 32, n. 93, p. 127-149, agosto de 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142018000200127&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 dez. 2019.
- BURKE, P. História como memória social. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CAIMI, F. E. **Conversas e controvérsias**: o ensino de história no Brasil (1980 – 1998). Passo Fundo: UPF, 2001.
- CÂNDIDO, M. M. D. Museus, história e interdisciplinaridade. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; CHUVA, Márcia. **Patrimônio Cultural**: políticas e perspectivas de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012 (pp, 57-66).
- CARDOSO, C.F. e VAINFAS, R. (Orgs.), **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Campus, 1997, pp.1-23.
- CODANI, N. L. **O ensino de história nos anos iniciais**: orientações curriculares e concepções de professoras. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP, 2000.
- CRUZ, G. T. D. **Fundamentos teóricos das ciências humanas: história**. Curitiba: IESDE, 2003.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 135p.

FIGUEIREDO, J. P. Amado Baptista de. **Usos e abusos da história oral**. Fundação Getúlio Vargas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). “Apresentação”. In: **Usos e abusos da história oral**. Fundação Getúlio Vargas.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Nova Candelária. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-candelaria/panorama> >. Acesso em: 04 dez. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SALGADO RIBEIRO, Suzana L. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003. 153 p.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In.: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (Org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: UEPG, 2015. v. 2, p. 15-33. Disponível em: < http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf >. Acesso em: 14 out. 2019.

_____. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L; MORAN, J. (Org). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.

NADAI, E. **O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva**. Revista Brasileira de História. São Paulo. 1993.

OLIVEIRA, S. R. F. O ensino de História nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. In: **História & Ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História da UEL. v. 9. Londrina: EDUEL. 2003. p. 259-272

SAMPAIO CALDEIRO, Ana Paula. O lugar do ensino de história no Brasil da redemocratização. **História & Ensino**. Londrina. v.26. n. 2. 2020. Disponível em: < <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/37319> > . Acesso em: 20 ago. 2021.

SANTOS, N. A. T. M. Cultura local *versus* cultura global: o glocal. **Raído**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 67-74, jan./jun. 2010.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **História e memórias da Educação no Brasil**. Vol. III - século XX. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.

RÜSEN, J. **Razão Histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Editora Universidade de Brasília, 2001.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SCHMIDT, Mari Auxiliadora e CARNELI, Marlene. **Ensinar História**. 1ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 2010.

SILVA, Marcos A; FONSECA, Selva G. **Ensinar História no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas: Papirus, 2007.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: ArtMed, 2014.

ZAMBONI, E. **O ensino de história e a construção da identidade**. São Paulo: SEE/Cenp, 1993.

APÊNDICE A - PRODUTO

NOVA CANDELÁRIA

ONTEM E HOJE!

Airton Volnei Prochnow



Santa Maria, setembro de 2021.

NOVA CANDELÁRIA

ONTEM E HOJE!

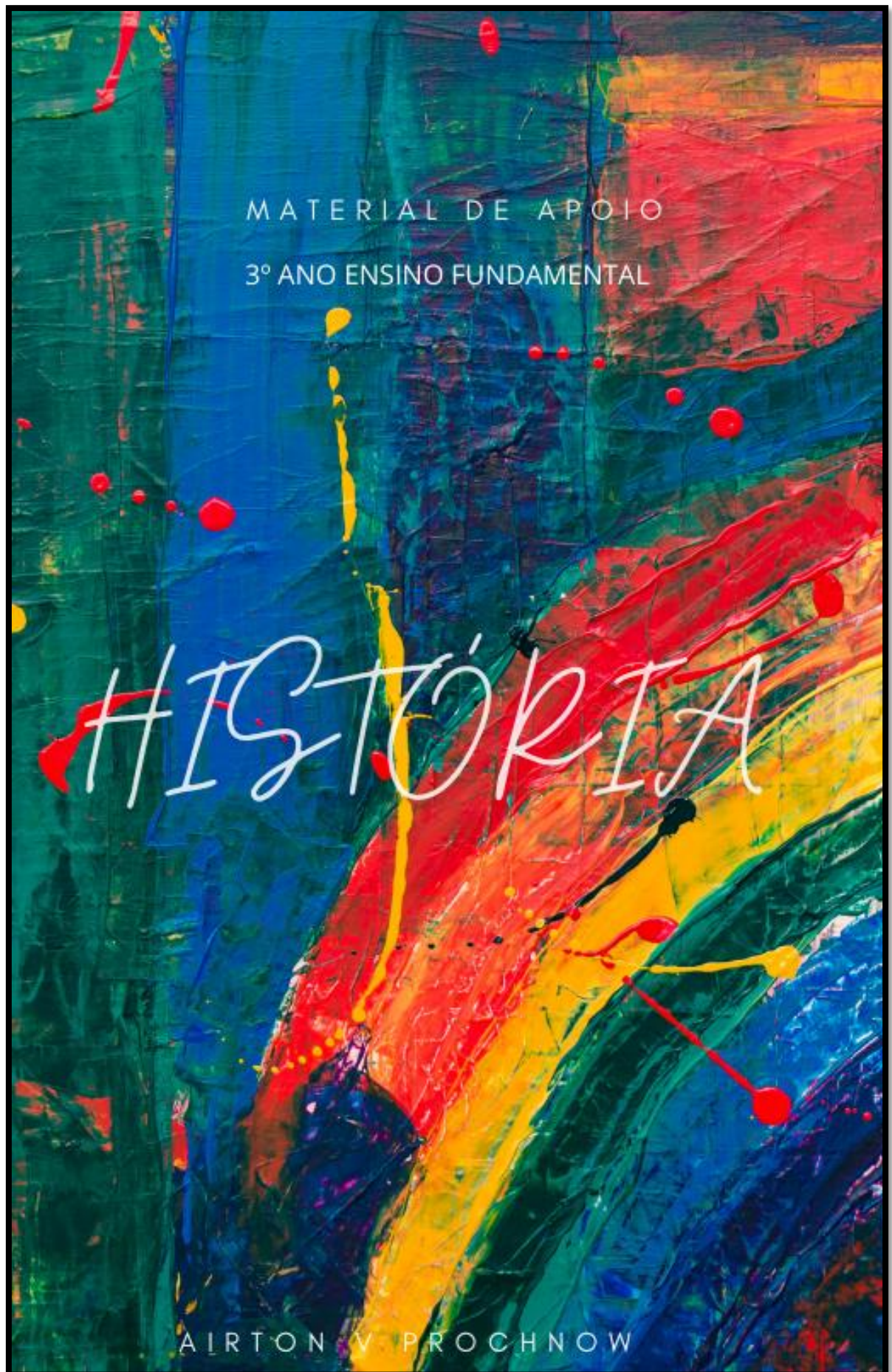
Airton Volnei Prochnow

Este trabalho foi desenvolvido junto ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória, núcleo UFSM, ofertado em rede Nacional, sob a coordenação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua realização foi possível graças ao fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior - CAPES.



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA





APRESENTAÇÃO

Esse material de apoio pedagógico objetiva auxiliar os professores do 3º ano do ensino fundamental no atendimento das atividades pedagógicas dos docentes no ensino e aprendizagem da história local do município de Nova Candelária, tendo em vista a quase inexistência de material bibliográfico organizado até o momento.

De acordo com as premissas do documento oficial da BNCC, nessa fase de ensino, os estudantes precisam começar a aprender, a investigar a si próprio e ao mundo que o cerca, partindo dos espaços familiares e seguindo para os espaços sociais mais amplos que vivenciam, como a escola, o bairro e a cidade. Dessa forma o material foi organizado dentro da proposta da BNCC, sendo divididos em diferentes capítulos, sempre direcionando a história local, para fundamentar, embasar, com exemplos próximos, paupáveis, para estimular a questão de pertencimento no estudante.

O ensino de história local é o ponto de partida para a aprendizagem histórica, pois possibilita trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador/educando/sociedade e o meio em que vivem e atuam. Introduzindo a formação de um raciocínio de história contemplando não só indivíduo, mas a coletividade, apresentado as relações sociais que ali se estabelecem na realidade mais próxima.

Que esse material possa servir de ajuda e que seja bem aproveitado, para podermos conhecer um pouco mais da história de nosso município e refletir sobre a mesma.

SUMÁRIO

1 - O local onde vivemos.....	6
Moradias.....	7
Como surgiram as moradias.....	9
Moradias no município ao longo do tempo.....	10
Festas populares.....	11
Festas populares em Nova Candelária.....	12
O passado e o presente lado a lado.....	14
O que é um município?.....	15
As áreas do município.....	16
Mapa do município.....	17
Símbolos municipais.....	18
Lei de criação do município.....	19
Bairros urbanos.....	20
Os bairros em Nova Candelária.....	23
Espaços públicos e privados.....	24
Os trabalhadores da cidade.....	26
Os trabalhadores do campo.....	28
A história de um município.....	31
As mudanças ao longo do tempo no trabalho.....	37
Patrimônio Cultural.....	39

1

O LUGAR ONDE EU MORO!



IMAGENS DO MUNICÍPIO DE NOVA CANDELÁRIA

Você já observou bem a rua ou a comunidade onde está sua moradia?

VAMOS ANALISAR

Atividade 1: Preste bem atenção as imagens e escreva o que praticamente todas as casa tem em comum.

Atividade 2: Qual dessas imagens é mais parecida com o local que você mora? Por que?

Atividade 3: Converse com um colega seu e pergunte como é a rua ou comunidade em que ele mora e anote no seu caderno.



MORADIAS

As moradias são os locais em que moramos, dormimos, nos alimentamos, nos abrigamos do frio, do calor, do sol, da chuva, do vento e onde vivemos em família. Elas são construídas segundo as necessidades e as condições de cada indivíduo, de acordo com o modo de vida, da cultura e dos materiais disponíveis em cada lugar. Em locais distantes das cidades, difíceis de se chegar com transporte os materiais utilizados pelas pessoas para a construção de suas casas será com certeza o que a natureza lhes oferece, pedras e madeiras. Por isso temos diversos tipos diferentes de moradias, como podemos observar nas imagens abaixo.



Casa de pau a pique em Maranguape, Ceará, Brasil. © Imagem CC BY-SA 3.0



Moradores da comunidade Jardim Beira Rio, Recife. 2019.



Edifícios no centro de Porto Alegre, RS. 2019.

Casas de alvenaria no bairro Porto Seguro, próximo ao Instituto Federal do Paraná, à direita.



Casa de madeira, interior do Rio Grande do Sul, 2018



Iglu, moradia dos Esquimós no Alasca.



Oca indígena no Parque do Xingu, Mato Grosso.



Barraco no sul de Palmas, Tocantins. 2017.

Percebemos hoje o quanto a construção civil vem se desenvolvendo, com materiais diferentes, muito reaproveitáveis, mas sempre se utilizando do que a natureza tem a oferecer e que pode ser utilizado de matéria prima para a produção de novos materiais.

Vamos pensar um pouco:

1 - Agora pense nas casas que você vê ao longo do caminho para a escola e escreva quais são as semelhanças e as suas diferenças entre elas:

SEMELHANÇAS	DIFERENÇAS

2 - Agora escreva quais são os materiais mais utilizados na construção das casas do lugar em que você mora.

3 - Quando você for adulto e for fazer a sua casa, quais são os materiais que você pensa em utilizar para fazer ela?

COMO SURGIRAM AS MORADIAS

Os homens pré-históricos não tinham casa para morar. Descobriram então que as cavernas e grutas podiam abrigá-los da chuva, do frio, do sol, bem como dos animais perigosos.

Esses homens eram conhecidos como nômades, pois não tinham moradia fixa. Moravam em locais onde podiam caçar, pescar e colher frutas e raízes, ou seja, dependiam da natureza para sobreviver. Quando esses alimentos acabavam eles mudavam para outro local que tivesse condições de alimentá-los.

As cavernas ou grutas são imensos buracos que existem nas rochas, local onde os animais procuravam para se esconder ou ficar, se sentir protegidos. Muitas vezes os homens das cavernas tinham que lutar com esses animais para conseguir um espaço.



Imagem ilustrativa de uma caverna.

Com a descoberta do fogo, os homens pré-históricos conseguiram uma forma de espantar e afastar os animais, bem como iluminar o seu ambiente.

À medida que o tempo foi passando, os homens melhoraram suas cavernas, passaram a construir abrigos com outros materiais, pois aprenderam a lidar e a aproveitar melhor os recursos da natureza, como as pedras, os ossos, os galhos, as folhas das árvores e as palhas.

Mais adiante esses homens descobriram que, além desses recursos, podiam utilizar o barro para construir seus abrigos e, a partir dessa idéia, o homem moderno pôde construir telhas e tijolos que são utilizados nas nossas casas.

Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/geografia/como-surgiram-as-moradias.htm>



Imagem ilustrativa de um abrigo feita com ossos.

*Sugestão de vídeo referente a história das moradias:

<https://www.youtube.com/watch?v=oQVGmcvdYkY>

MORADIAS NO MUNICÍPIO AO LONGO DO TEMPO

As primeiras casas na chegada dos colonizadores eram feitas de madeira, desde o fundamento até o seu telhado, onde as telhas eram na verdade tabuinhas lascadas (*schindeln*) sobrepostas umas as outras para evitar que chovesse dentro de casa, a madeira era abundante. Alguns anos mais tarde chegam as olarias com o acesso assim aos tijolos e as telhas de barro, mudificando assim o longo do tempo as construções, de acordo com os novos materiais disponíveis e das condições financeiras das famílias.



Casa de madeira em Duas Esquinas, Nova Candelária. Década de 1940.

O estilo germânico se manteve nas construções ao longo dos anos, as questões culturais permanecem na história do ontem e também integram o hoje. Desde alguns prédios públicos, casas, um condomínio, trazem a arquitetura em função da colonização germânica em seu maior percentual no território que hoje compõem o município, inclusive com algumas poucas casas ainda remanescentes em estilo enxaimel.

O enxaimel, ou *Fachwerk* (em alemão) é uma técnica de construção na qual as paredes são montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos com material de fácil utilização no local. Os tramos podem ser preenchidos com tijolos, pedras, adobe, taipa, dentre outros materiais, e geralmente não se utiliza reboco. O tramado de madeira confere estilo e beleza às construções do gênero, produzindo um caráter estético privilegiado. Outras características são a robustez, eficiência estrutural e baixo custo de edificação. Esse padrão arquitetônico é historicamente atribuído às regiões germânicas, porém passou por inúmeros processos de adaptação ao longo do tempo derivados da mudança na disponibilidade de recursos naturais.



Condomínio em estilo germânico, centro de Nova Candelária, em 2017.



Casa em estilo enxaimel, na localidade de Bom Jardim, Nova Candelária. 2020.

Festas populares

As festas populares que acontecem em todos os países, em todas as regiões do nosso Brasil, trazendo muita alegria, fé, cultura e diversão. De acordo com a cultura de cada região brasileira temos diferentes comemorações, sempre relacionadas a questão cultural da população que reside nesse espaço.

A nível de Brasil temos exemplos de festas populares das mais diversas, como alguns exemplos temos: a Lavagem do Bonfim na Bahia, o Carnaval em Salvador e no Rio de Janeiro, a Festa de São João em Pernambuco, o Festival Folclórico de Parintins no Amazonas, a Festa do Peão de Barretos em São Paulo, o Círio de Nazaré no Pará, a Oktoberfest em Blumenau.

AS FESTAS JUNINAS

As festas juninas estão entre os mais prestigiados festejos públicos tradicionais do Brasil. Elas são comemoradas entre nós desde a época colonial e tem suas raízes na mistura das tradições rurais que se formaram no interior do Brasil com o catolicismo popular herdado da Europa. De acordo com a historiadora Eliane Morelli Abrahão, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), as comemorações juninas remontam ao século XII, e os povos da antiguidade já acreditavam que a celebração à deusa Juno, que era considerada a protetora do casamento, do parto e da mulher, proporcionaria fartas colheitas. As festas juninas levam esse nome, porque são realizadas no mês de junho, pois celebra-se o dia de quatro santos da Igreja Católica: Santo Antônio de Pádua (dia 13), São João Evangelista (dia 24), São Pedro e São Paulo (ambos celebrados no dia 29).

Sendo festas de caráter rural, as comidas típicas feitas à base de alimentos cultivados nas regiões do interior também são elementos importantes, como pratos compostos à base de amendoim, como paçoca e pé de moleque, ou à base de milho, como pamonha, canjica, bolo de milho, angu, milho-verde assado na fogueira, sempre lembrando das questões culturais envolvendo a alimentação local e disponível de cada região brasileira. As festas juninas também são comemoradas há várias décadas no município de Nova Candelária, com apresentações e pratos típicos.



Nas fotos acima comemorações de festas juninas pelo Brasil.

Símbolos das festas juninas pelo Brasil:

- Fogueira
- Balão e bandeirolas
- Bandeiras dos santos
- Fogos de artifício
- Pau de sebo
- Quadrilhas
- Comidas típicas
- Casamentos
- Simpatias

As festas populares em Nova Candelária

As festas populares que aconteciam no território de nosso município, tem sua origem e organização a partir da cultura dos integrantes das comunidades que aqui foram se formando ao longo do tempo, e temos ainda várias dessas festas acontecendo.

Uma comemoração muito marcante é o "Kerb", é atribuída principalmente aos descendentes dos imigrantes alemães na região sul do Brasil, muitos utilizam como base a data da colocação da pedra fundamental da igreja, ou de sua inauguração, outros a data do santo padroeiro, mas normalmente relacionada a questões religiosas, por isso por vezes cada comunidade comemorava em datas diferentes do ano. Outras festas religiosas também aconteciam nas comunidades como ação de graças, dia do padroeiro na comunidade.

As festas juninas eram também comemoradas nas comunidades, como muita alegria, danças, fogueiras e os quitutes.

Na foto abaixo temos uma festa da comunidade ocorrida na localidade de Bom Jardim, no início da década de 1940.



Foto acima de acervo pessoal.

Vamos pesquisar e anotar no caderno.

- 1) Pergunte a seus pais quais as festas que eles participavam na infância e como eram.
- 2) Agora faça a mesma pergunta para seus avôs, quais festas eles participavam na infância e o que eles mais gostavam nessas festas.
- 3) Agora pense nas festas que você está participando na sua infância, quais as diferenças, o que ainda continua igual e o que você achou das festas que seus pais e avôs participavam na infância deles.

Muitas dessas festas de Kerb, de ação de graças, dos padroeiros, juninas ainda vem acontecendo, mesmo que com algumas mudanças na sua organização, mas é uma das marcas culturais de acordo com as pessoas que aqui foram se estabelecendo, as tradições que cada etnia trouxe.

Outra festa é a Schweinfest que surgiu após a emancipação do município e como forma de comemorar o seu aniversário, originou a festa. O nome dado a mesma é devido a grande criação de suínos que existia no município, com diversas atividades, Bierwagen, almoço típico tendo como prato principal: a carne suína, preparada e servida de diversas formas, seguido o dia com muita música e chopp.



Na foto ao lado estão símbolos germânicos relacionados a festa Schweinfest que são o Fritz e a Frida, e o casal que desde o primeiro ano da festividade(1997) os representa com muito epenho e carinho Édio e Asta Mai. Foto de 2019. Acervo da Prefeitura.

Na foto ao lado está o Pavilhão da Schweinfest, construído para sediar a festa e outras festas e atividades que demandam um espaço maior.



Foto do acervo da Prefeitura.

O passado e o presente, lado a lado.

A importância de poder colocar lado a lado as imagens e analisar o que mudou, o quanto mudou, quais as diferenças, o que permanece. É uma das formas de entender a história de um espaço, de uma cultura, de uma sociedade.

As paisagens mudam ao longo do tempo, na cidade temos novos moradores, novas construções, prédios e casas, particulares e públicas que são construídas para atender as necessidades que vão surgindo, então as mudanças são constantes e podemos observar nas fotos abaixo.

Foto antiga da Rua São Nicolau, ensaio para desfile cívico.

Antigo Salão Paroquial a direita, descendo em direção a rótula hoje.



Foto do mesmo local, hoje com o centro administrativo do município, onde se localizava o antigo salão paroquial. Abril 2021.

O QUE É UM MUNICÍPIO?

O **município** é uma área que possui autonomia política e administrativa, quer dizer que ela mesma administra e organiza o seu território, claro que seguindo também as leis federais e estaduais, podendo criar as suas próprias leis de acordo com a constituição brasileira. O **município** é a menor unidade administrativa do país.

PAÍS

O Brasil tem 5570 municípios distribuídos nos 26 estados e no Distrito Federal.



ESTADO

O Rio Grande do Sul possui hoje 497 municípios.



MUNICÍPIO

Nova Candelária



Os bairros da área urbana e as localidades da área rural compõem a área territorial de um município. Os municípios compõem o estado. Os estados e o Distrito Federal compõem o país.



VAMOS ANOTAR PARA ENTENDER ONDE MORAMOS.

- 1 - O BAIRRO OU LOCALIDADE EM QUE MORO É _____
- 2 - O NOME DO MEU MUNICÍPIO É _____
- 3 - O NOME DO MEU ESTADO É _____
- 4 - O NOME DO MEU PAÍS É _____

AS ÁREAS DO MUNICÍPIO

Os municípios brasileiros em sua grande maioria, é formada por áreas urbanas e por áreas rurais.

Vamos agora analisar essas áreas!

Na **área urbana** existe uma grande concentração de pessoas, predominando casas, comércio, agências bancárias, órgãos públicos, organizado o espaço em ruas, avenidas e em bairros.

Ao lado, foto da vista aérea da cidade de Nova Candelária. 2020. Acervo da Prefeitura.



Na **área rural** a densidade de população é pequena, com o predomínio de chácaras, sítios, fazendas onde se desenvolve a agricultura, a pecuária, entre outros.

Ao lado, foto da localidade de Linha Araçá, Nova Candelária. 2021. Acervo pessoal.

Vamos realizar algumas atividades!

1 - Quais as diferenças entre a área urbana e a área rural você conseguiu identificar analisando as imagens acima? _____

2 - Você mora na área urbana ou rural? _____

3 - Do que você mais gosta onde mora? _____

4 - Pensando em nosso município, a zona urbana ou a zona rural é mais antiga? _____

5 - Qual é a mais densamente povoada? () zona rural () zona urbana

Símbolos municipais

A Bandeira, bem como, o Brasão de Armas do Município de Nova Candelária são regidos pela Lei Municipal nº 047/97, de 18 de Junho de 1997. A Bandeira tem ramos de uma cruz, como símbolo de fé e de cristianismo e o círculo é emblema de eternidade. O amarelo (ouro) tem o significado heráldico de esplendor, riqueza, generosidade, nobreza, glória, poder, soberania, força, fé e prosperidade. A cor preta (sable) representa fortaleza, constância, prudência simplicidade, sabedoria, ciência, gravidade, honestidade, firmeza, obediência e moderação. O branco (prata) é indicativo de felicidade, pureza, temperança, formosura, verdade, franqueza, integridade e amizade.



Os elementos ouro, sables e goles e a águia, são elementos que se completam para representar a Pátria dos primeiros povoadores da região.

Ao lado, imagem da bandeira do município. Acervo da Prefeitura.

O Brasão de Armas do Município de Nova Candelária tem um escudo ibérico que evoca os primeiros colonizadores e desbravadores da nossa Pátria. A águia estendida é a rainha das aves e símbolo do poder, prosperidade, altos desígnios, grandes empreendimentos e vitória.

A bordadura é sinal de favor e proteção. As flores de liz são o emblema de Nossa Senhora, referindo-se a Padroeira do Município, Nossa Senhora da Purificação. As abelhas são o símbolo da indústria, da atividade, do trabalho, da doçura e da parcimônia.

A coroa mural é o símbolo da emancipação política, com oito torre, das quais apenas cinco estão aparentes. vêm a ser reservada às cidades; suas portas abertas em preto, proclamam o caráter hospitaleiro do povo de Nova Candelária. O ramo de soja, o pé de milho e os feixes de trigo, produzindo, atestam a fertilidade das terras generosas do Município, de que são importantes produtos e indicam as lides do campo como fator básico da economia municipal. No listel de goles (vermelho), o topônimo NOVA CANDELÁRIA, identifica o Município.

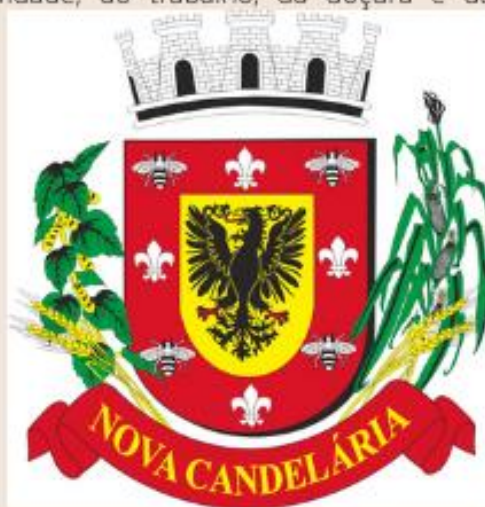


Imagem Brasão do município. Acervo da Prefeitura.

Lei de criação do município



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Gabinete de Consultoria Legislativa

LEI Nº 10.635, DE 28 DEZEMBRO DE 1995.
(publicada no DOE nº 249, de 29 de dezembro de 1995)

Cria o Município de Nova Candelária.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - É criado o Município de Nova Candelária, com área que se emancipa do Município de Boa Vista do Buricá.

Parágrafo único - O território do novo município é assim delimitado:

ao norte: começa na confluência do rio Buricá com o rio Reúno, pelo qual segue à montante até a estrada vicinal, limite norte do lote nº 40 - (9ª Seção Buricá); continua por esta, em sentido geral nordeste, até sua interseção na estrada Sta. Lucia/lajeado do Tigre (no vértice nordeste do lote nº 50 da mesma Seção). Deste ponto, prossegue pela estrada, em sentido geral nordeste, até o vértice norte do lote nº 87 (mesma Seção); segue pela divisa nordeste deste lote, em sentido sudeste, até o lajeado Magro;

ao leste: do ponto citado, segue pelo lajeado Magro à jusante até a confluência com o rio Reúno. Daí à montante pelo rio Reúno, até a confluência com o arroio Lambedor, divisa sul do lote nº 115 (4ª Seção - Buricá);

ao sul: do citado ponto, segue pela divisa sul do lote nº 115 (Seção já citada) em sentido oeste, até a estrada Vista Alta/Candelária (no divisor de águas das bacias hidrográficas rio Reúno e lajeado Almeida); prossegue por esta, em sentido geral noroeste, até o divisor de águas das bacias hidrográficas dos Arroios Pitanga e Monjolinho (ponto este é o vértice leste do lote nº 77 da 4ª Seção Buricá); continua por este divisor, em sentido geral sudoeste, até o vértice leste do lote nº 84. Segue pela divisa sudeste do mesmo até encontrar o lajeado Almeida e por este à jusante até a confluência com o rio Buricá;

ao oeste: do citado ponto à jusante pelo rio Buricá, até a confluência com o rio Reúno.

Art. 2º - A sede do novo município será a localidade de Vila Candelária.

Art. 3º - O município será instalado em 1º de janeiro de 1997.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 28 de dezembro de 1995.

FIM DO DOCUMENTO

<http://www.al.rs.gov.br/legis>

1

Imagem do acervo da Prefeitura

OS BAIRROS URBANOS

As pessoas convivem de diferentes formas e espaços nos bairros, um desses espaços é a moradia, local onde se vive e convive com os familiares.

Assim como essas mesmas pessoas podem conviver com as outras pessoas que fazem parte desse bairro, que seriam os vizinhos, os vendedores, os trabalhadores dos mais diversos ramos e atividades presentes nesse espaço.

Os bairros recebem os mais diversos nomes, assim como as ruas, que precisam passar por lei na Câmara de Vereadores do município.

A cidade é formada bairros, cada um deles com suas características próprias, de acordo com a população que ali reside.

Na história de um bairro fazem parte a formação, o desenvolvimento e as mudanças que acontecem ao longo do tempo.

No passado a maioria dos bairros se formavam e se desenvolviam de acordo como as famílias chegavam naquele espaço procurando trabalho, normalmente próximo aos portos, fábricas e fazendas.

Os bairros podem ser constituídos por ruas, casas, edifícios, condomínios, indústrias, comércio, praças, shoppings, monumentos, entre outros. essa forma eles podem ser classificados também em:

- **Bairro residencial** com predomínio de residências, podendo ser casas térreas, sobrados, normalmente são as áreas mais arborizadas.



- **Bairro comercial** com predomínio de prédios comerciais, são repletas de lojas de roupas, brinquedos, materiais de construção, eletrônicos, ou de estabelecimentos como padarias, açougues, fruteiras, salões de beleza, entre outros. São muito movimentados.

- **Bairro industriais** predominam as indústrias e fábricas. Por necessitarem de áreas maiores e, por vezes, produzirem não só poluição como também muitos ruídos ficam mais retirados do centro da cidade.



Atividades

1 - Escreva o nome de um bairro da cidade de Nova Candelária que você conheça.

2 - Quais são os três tipos de bairros em que eles podem ser organizados?

3 - Por que normalmente acontecia a formação dos bairros no passado?

4 - Desenhe abaixo um bairro da maneira que você gostaria que ele fosse.

Se pensarmos no Rio Grande do Sul, temos bairros muito antigos, formados há muitos anos, como exemplo o bairro Menino Deus em Porto Alegre.

O Bairro Menino Deus é considerado o mais antigo povoado de Porto Alegre, porque a região foi o primeiro território reconhecido enquanto agrupamento semi-independente que mantinha relações comerciais e administrativas com o Centro. A origem territorial do bairro deu-se ao sul do Riachinho, hoje atual Arroio Dilúvio.

A denominação do bairro aconteceu em decorrência da devoção ao Menino Deus que foi introduzida pelos açorianos ao Menino Deus e foi, justamente nesse contexto, que aconteceu a construção da capela do Menino Deus, no ano de 1853.

As festas natalinas que eram realizadas na capela atraíam até os moradores do centro da cidade e de outros bairros em formação. Foram construídas inúmeras casas ao redor da capela que, juntamente à abertura de novas ruas, impulsionaram o desenvolvimento da região. O acesso à Capela dava-se pela rua Menino Deus, mais tarde chamada de Treze de Maio e, finalmente, Avenida Getúlio Vargas. No entanto, em 1970, a igreja, originalmente construída no estilo gótico, foi demolida para dar lugar à atual igreja.



Ao lado, foto do Bairro Menino Deus de Porto Alegre em 1910. Imagem da internet.



Ao lado, foto atual do Bairro Menino Deus de Porto Alegre em 2019. Imagem da internet.

Os bairros em Nova Candelária

As ruas e os bairros do município de Nova Candelária foram se formando ao longo dos anos, de alguns moradores chegados a partir da década de 1930 até uma população hoje de 2.810 habitantes (censo 2010), a estrutura de ruas começaram quando da organização da Vila Candelária como assim era chamada com moradiais e casas comerciais, de venda e troca de produtos, sendo assim preciso organizar algumas ruas de alinhamento.

Foto ao lado da sede da Vila Candelária na década de 1970, de acervo do Museu municipal.



Foto ao lado do centro da cidade de Nova Candelária, 2021. Acervo pessoal.

Espaços públicos e privados

Espaços públicos são áreas de uso comum, pertencentes a toda a população e administrados pelo poder público e podem se localizar tanto na área urbana nos bairros, como também na área rural nas localidades, onde toda a população pode circular.

Exemplos de espaços públicos: ruas, praças, jardins, parques, museus, bibliotecas, escolas, postos de saúde, prefeitura, câmara de vereadores, monumentos.

Espaços privados ou particulares são aqueles em que a propriedade é de uma pessoa, família, empresa ou grupo. Como exemplo: um carro, casa, área de terra, entre outros.

Abaixo vamos ver imagens de espaços públicos do município.

Prefeitura é onde se concentra o poder executivo municipal, com os gabinetes do prefeito, vice-prefeito, secretários e agentes administrativos que atendem a população.



Unidade Básica de Saúde centralizada, localizada na sede do Município, onde são desenvolvidos vários programas, sendo prestado assistência médica, odontológica, psicológica, nutricional e de enfermagem à população.

Câmara Municipal de Vereadores

é a sede do Poder Legislativo, onde as leis municipais são elaboradas, debatidas pensando no interesse dos seus municípios.

Foto ao lado da Câmara Municipal de Nova Candelária. Acervo da Prefeitura.



O **Museu**, espaço de resgate histórico e cultural para a população.

Foto ao lado do Museu Municipal de Nova Candelária. Acervo da Prefeitura.

A **Escola pública** como sendo o espaço onde as pessoas tem garantido o seu direito a educação, e o convívio social com pessoas de várias comunidades.

Foto ao lado da EMEF Papa Pio XII, na localidade de Santa Lúcia de Nova Candelária. Acervo da Prefeitura.



As **praças públicas** onde as pessoas podem se encontrar, conversar, brincar, passear, ter um convívio social enquanto comunidade.

Ao lado, foto da Praça Municipal de Nova Candelária. Acervo da Prefeitura.

Sugestão de vídeo referente aos espaços públicos:
<https://www.youtube.com/watch?v=jlpXIXYO0UE>

Os trabalhadores da cidade

Vemos nas cidades um grande movimento de pessoas todos os dias, realizando os mais diversos trabalhos. É nas cidades que geralmente existem mais oportunidades de trabalho, negócios, estudo e o comércio. Onde também estão os bancos, hospitais, escritórios, escolas, oficinas, bares, restaurantes e as repartições públicas.

Nas cidades as principais atividades econômicas são as ligadas a **prestação de serviços, o comércio e a indústria**.

Existem os diversos trabalhadores que se ocupam de diversas atividades, os que atendem os clientes nos bancos, orientam as pessoas fornecendo informações nos serviços gerais, os profissionais como médicos, advogados, engenheiros e muitos outros.

Portanto, existem diversos tipos de trabalho e muitos são os trabalhadores que atendem aos moradores nas cidades.

Vamos ver a seguir alguns dos trabalhos exercidos na cidade.



Equipe médica



Recolhimento de lixo



Atendimento odontológico



Indústria Gráfica

A **indústria** é o local (fábrica) onde ocorre a transformação de matérias-primas em produtos elaborados pelo homem para fins comerciais. Nesses estabelecimentos, os funcionários e as máquinas são responsáveis pela produção de diversos objetos, alimentos, roupas, calçados, remédios, carros, máquinas, equipamentos, etc.



Oficina mecânica



Atendimento em salões de beleza



Indústria moveleira



Atendimento em supermercados



Atendimento em postos de combustíveis

O **comércio** baseia-se na troca voluntária de produtos. As trocas podem ter lugar entre dois parceiros ou entre mais do que dois parceiros. Na sua forma original, o comércio fazia-se por troca direta de produtos de valor reconhecido como diferente pelos dois parceiros, cada um valoriza mais o produto do outro.

Apenas em 1912 teve início um sistema mais unificado de distribuição de querosene, gasolina e outros derivados de petróleo, e apenas em 1919 **o primeiro posto de combustível** começou a funcionar no Brasil. E também foi em Santos.

Sugestão de vídeo sobre os trabalhadores da cidade em diferentes tempos: <https://www.youtube.com/watch?v=f3UHVf98qn4>

OS TRABALHADORES DO CAMPO

Se pensarmos na história do Brasil, desde a chegada dos portugueses até os dias atuais, temos mais de 520 anos, onde na maior parte desse período tivemos as principais atividades econômicas na área rural, com o cultivo de produtos agrícolas, a criação de animais, extração de recursos naturais. Tendo na maior parte desse período a maioria da população vivendo e trabalhando na área rural.

A **agricultura**, termo de origem latina que significa "arte de cultivar os campos", é uma atividade desenvolvida há milhares de anos.

A **pecuária**, termo de origem latina que significa "criação de gado", é uma atividade de fundamental importância para a humanidade. Seu objetivo é a criação de animais para fins econômicos e para o consumo.

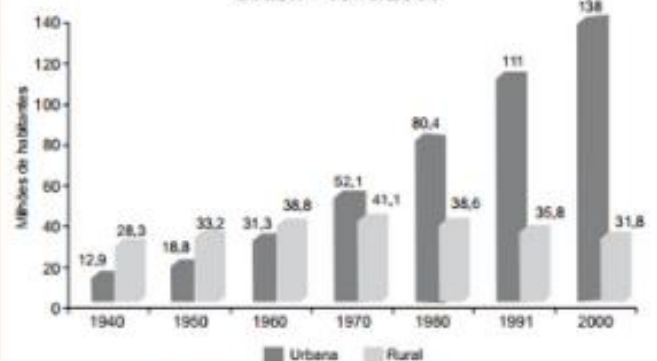
O **extrativismo** é considerado a atividade humana mais antiga que existe, vindo antes mesmo da agricultura e da pecuária. Consiste em extrair, ou seja, retirar produtos que já estão ofertados na natureza. Por exemplo, quando os portugueses chegaram ao Brasil, eles realizaram o extrativismo para recolher o pau-brasil, árvore de madeira resistente e que possuía um pigmento avermelhado, usado para tingir tecidos. Essa foi, portanto, a primeira atividade econômica do nosso país.

O trabalho no campo evoluiu muito ao longo da história graças as novas tecnologias, ao conhecimento humano.

Hoje, mesmo tendo a maior parte da população morando nas áreas urbanas, temos milhões de brasileiros que ainda moram e trabalham na área rural. No gráfico ao lado podemos observar que foi entre a década de 1960 e 1970 que a população urbana ultrapassou a população rural em nosso país, então tivemos mais de 450 anos a maior parte da população brasileira na área rural.

Agora vamos conhecer um pouco mais das atividades desenvolvidas na área rural.

**População residente, por situação do domicílio
Brasil - 1940/2000**



IBGE. Tendências demográficas: uma análise da sinopse preliminar do censo demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.



Foto da colheita de soja no município de Nova Ubiretama/PR.



Ao lado, foto da colheita de hortalças no município de Santa Maria do Erval/RS.



•• Extração de látex no estado do Amazonas.



•• Atividade apícola no semiárido, no estado do Ceará.



•• Família trabalhando no cultivo da uva, no município de Vale do Sul/RS.



•• Rebanho leiteiro no município de Nova Candelária/RS.



•• Criação de suínos em Nova Candelária/RS.



•• Atividade de piscicultura no município de Ajuricaba/RS.

Sugestão de vídeo sobre os trabalhadores do campo:
<https://www.youtube.com/watch?v=yKPh9RIHUwI>

Existem vários setores que abastecem uns aos outros. A zona rural ou campo abastece a zona urbana (cidades) de produtos agrícolas, como frutas, verduras e vegetais; com produtos da pecuária, como as carnes e os minérios.

Por outro lado, os moradores da zona rural compram os produtos industrializados nas cidades como roupas, sapatos, remédios, equipamentos para seu trabalho e vários outros.

Vamos refletir!

Leia os quadrinhos abaixo com bastante atenção para entender.



Fonte: <http://www.arionauocartuns.com.br/2019/11/relacao-entre-campo-e-cidade.html>

O campo e a cidade possuem funções e atividades diferentes, porém se complementam, eles dependem um do outro para funcionar e sempre melhorar.

1 - Agora Escreva quais as diferenças que você percebe nos trabalhos do campo e da cidade.

A HISTÓRIA DE UM MUNICÍPIO

Cada município tem uma história, e esta geralmente é ligada aos seus fundadores, a localização do espaço, ao período e a diversas questões culturais trazidas por eles.

Então vamos conhecer um pouco da história do município de Nova Candelária!

Até 1930, a área municipal era habitada por indígenas e caboclos (indivíduo que foi gerado a partir da miscigenação de um índio com um branco) Não eram proprietários das terras e a ocupavam apenas para colher o necessário para o seu sustento. Com a compra das terras por parte dos teuto-brasileiros que as escrituraram legalmente, os caboclos procuraram outros paradiços.

A colonização do município teve início no início da década de 1930, quando chegaram os primeiros colonizadores, oriundos das regiões das Colônias Velhas, também da região de Cruz Alta, que ali passaram a construir suas moradias, desbravar a densa mata para plantar algo para a subsistência e organizar-se socialmente, construindo primeiramente suas casas, logo após, a igreja e depois a escola para os filhos que iam crescendo juntamente com os pais cultivando a terra.

As primeiras famílias colonizadoras que vieram para o território que hoje pertence a Nova Candelária, viajaram por vários dias de carroça, trazendo seus poucos pertences, para poderem iniciar sua instalação nesse novo espaço. Estes tiveram que abrir picadas, trilhos em meio a mata para conseguirem chegar as terras adquiridas, para então poderem começar a construção de pequenos barracos improvisados para se instalarem, começando então a derrubada da mata.

Em 13 de julho de 1962, por determinação de D. João Hoffmann, bispo de Frederico Westphalen, foi instalada a Paróquia Nossa Senhora da Purificação de Candelária. Chamou-se Candelária por ser Orago da Capela Nossa Senhora da Purificação. Outra versão é de que a origem do nome foi inspirado nas bênçãos de Nossa Senhora da Candelária da Alemanha.



Acima, foto da primeira igreja construída na hoje sede do município de Nova Candelária. Acervo do Museu municipal.

A derrubada da mata nativa para as famílias poderem iniciarem suas plantações, era feita de forma manual, com serrotes, machados, sendo um trabalho muito difícil. Para poderem também aproveitar dessa madeira para a construção de casas, galpões, igrejas, escolas, surgiram as primeiras serrarias.

Antiga serraria instalada para o beneficiamento das madeiras extraídas da mata.



Na foto abaixo, podemos ver o transporte das torras de madeira que eram tiradas da densa mata nativa que existia quando da chegada dos colonizadores, eram transportadas por carroças com tração animal, para as serrarias existentes na época. Os trabalhos eram feitos quase sempre com a ajuda dos vizinhos, pois para carregar essas torras na carroça eram necessárias várias pessoas, devido ao peso das mesmas.



Foto acima, Édio Mai na década de 1950, na então Vila Candelária. Acervo do Museu.

Outro trabalho bastante difícil era a agricultura, as primeiras plantações, as colheitas, sendo totalmente manuais, sem máquinas, como exemplo a extração dos grãos do feijão, onde se colocava um pano grosso ao chão e deixava ao sol para secar as vagens, para então quando totalmente secas serem batidas com pedaços de madeiras amarrados um ao outro, chamado de "mangual", demonstrando assim a necessidade do trabalho duro nesses primeiros anos de instalação nas novas terras.



→ Foto de um Mangual.



Mangual, ou malho, é um instrumento através do qual se malha cereais para debulhá-los. Consiste em um pedaço de madeira comprido e fino no qual se sustenta a base, chamado de mango, que serve de cabo.

← Ilustração ao lado.

Sugestão de vídeo: Colheita de Feijão no Manguá - https://www.youtube.com/watch?v=L_GgPtoUHeM

Logo foram chegando alguns equipamentos para auxiliar os colonos na agricultura, para facilitar um pouco os trabalhos pesados que até então eram totalmente manuais, chegando assim as primeiras trilhadeiras a região.

Colonos na colheita com a uma trilhadeira de cereais, trabalho familiar e colaborativo entre as famílias vizinhas. Acervo do Museu.



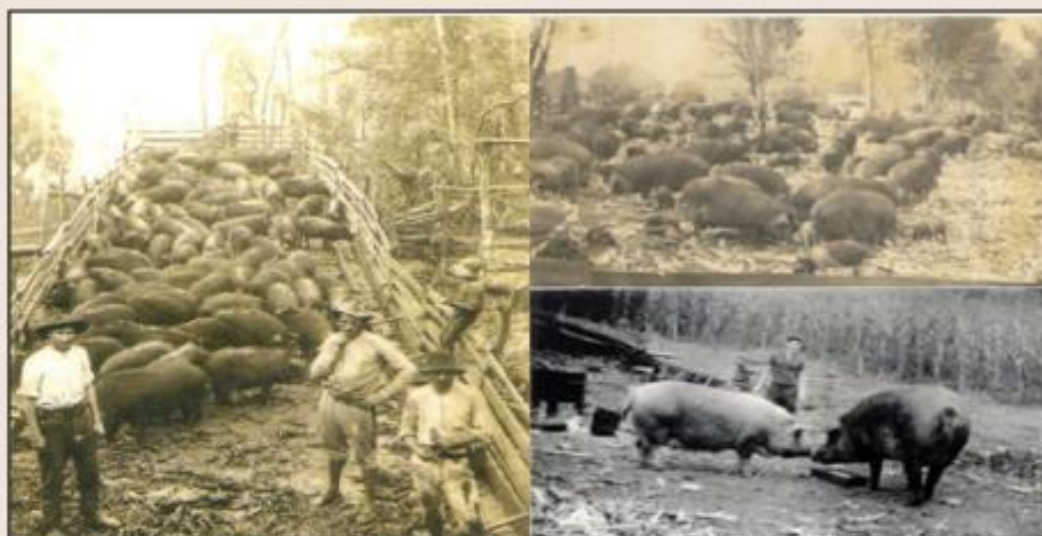
Os primeiros habitantes do território do atual município de Nova Candelária, eram os indígenas, assim como após a chegada dos portugueses a região e a sua miscigenação com os indígenas originando assim os caboclos.

Também tivemos descendentes de negros escravizados, existem registros escritos em cartório da compra e venda dos mesmos na região das missões, alguns fugiram e outros foram libertos a partir de 1888, com a Lei Áurea que decretou o fim da escravidão no Brasil.

Primeiramente os principais plantios eram de milho, feijão, abóbora, batata doce, mandioca, principalmente como subsistência, com a pequena criação de alguns animais como gado, cavalos, galinhas e porcos. Esses animais forneciam o leite, carne, banha, ovos, também o gado e o cavalo lhe serviam de força para o trabalho na roça e transporte.

Os suínos logo tiveram um grande destaque a partir da década de 30, a banha era comercializada com os comerciantes, que compravam e revendiam na capital, Porto Alegre.

De acordo com o Sr. Edio Mai (2010, apud. Pasqueti, 2010), pioneiro no município de Nova Candelária, e suinocultor da época, na década de 30 a 40, os suínos eram criados soltos até atingirem um peso médio de 40 a 50 kg e depois eram fechados nos chiqueiros para completarem a engorda e serem comercializados. "Era costume dos agricultores criarem seus porcos nas mangueiras, soltos junto com o gado até chegarem ao ponto de ir para a engorda". Os animais eram das raças "comum" e "piauí".



Criação de suínos criados em cercados na década de 1950 em Saltinho/SC.

Quando ocorria a venda dos animais, estes eram transportados de carroça para os comerciantes locais. Como as estradas eram "verdadeiras trilhas" não era possível chegar de caminhão até as propriedades. "Aí então, nós transportávamos os porcos até o comerciante", destaca Edio. Já os comerciantes da época (Nicolau Kuhn e Estefano Fichier) transportavam os animais para Giruá/RS, onde eram embarcados para os frigoríficos.



Foto ao lado,
Granja Renner,
década de 1950 em
Santa Rosa/RS.

A partir daí, os suínos eram transportados de caminhão até as estações de trem, onde eram embarcados em vagões especiais de dois andares, até as cidades de Pelotas e Rio Grande, onde eram embarcados para a Inglaterra, destaca o Sr. Milton Schwer, filho de comerciantes de suínos da época (SANTA ROSA, 2009). Parte da produção tinha o destino para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Na década de 1950 foi introduzido na região de Santa Rosa os suínos de cor vermelha que geravam mais carne. Na década de 1960 foi aberto um frigorífico em Santa Rosa, o Frigorífico Santarosense S.A. e mais tarde o nome foi mudado para Prenda S.A., o qual foi vendido posteriormente para a empresa Chapecó, e atualmente pertence ao grupo Alibem Alimentos S.A.

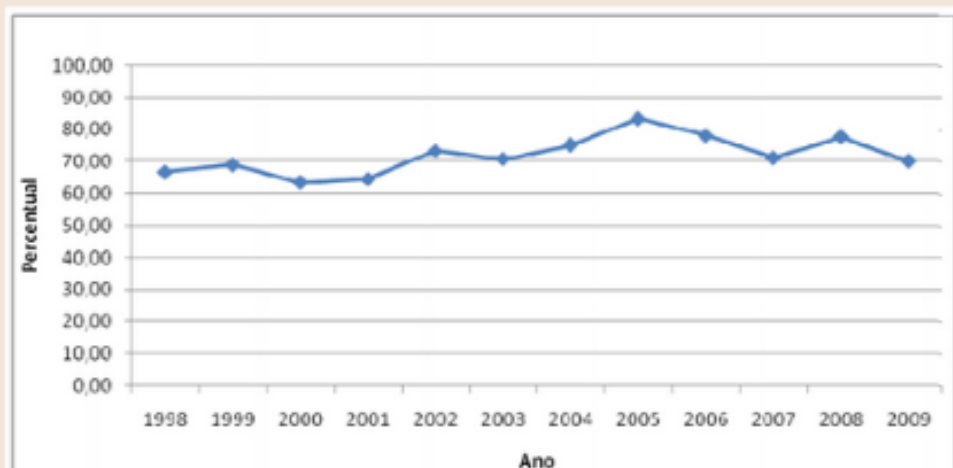
Ao longo dos anos empresas criaram um sistema de parceria com os criadores, na criação e engorda de suínos, garantindo o fornecimento da matéria prima ao longo do ano para os frigoríficos e gerando renda aos criadores. Muitas crises também se passaram ao longo do tempo, o que por vezes fez muitos também saírem da atividade. Assim como muitos outros entraram na atividade após o período de crise ter passado.

A família Konzen adquiriu a estrutura do Sr Nicolau Kuhn, tendo ao longo dos anos criado uma importante parceria com os criadores locais, gerando renda e desenvolvendo bastante a atividade.



Caminhões
transportadores
de suínos na
década de 1960,
Ponta Grossa/PR.

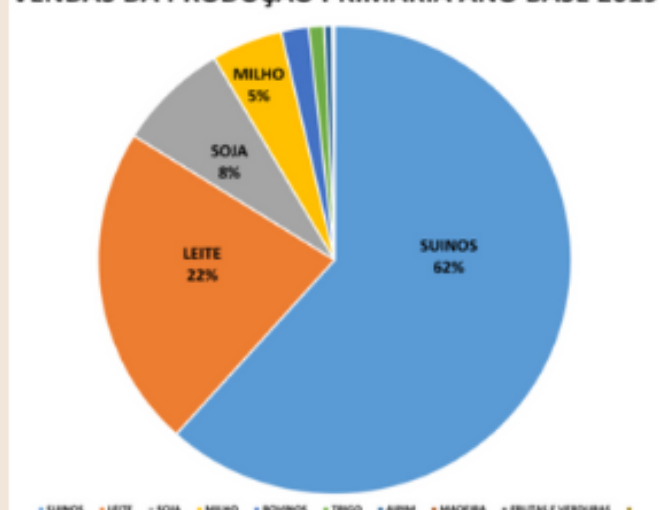
Dessa forma Nova Candelária se tornou um dos maiores produtores de suínos do estado do Rio Grande do Sul, figurando sempre nas primeiras colocações a partir da década de 1990. Podemos ver no gráfico abaixo a importância da suinocultura no município na produção primária. Estando entre 62% e 85% entre os anos de 1998 e 2009.



Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura, Relatório do ICMS de 2009. Nova Candelária, 2010.

Com dados do ano base de 2019 podemos ver na produção primária no município que a suinocultura representa 62%, seguida da bacia leiteira, com 22%. Na sequência está a produção de soja com 8% e milho, representando 5%. A suinocultura contando com 147 produtores, onde 206.877 suínos gordos foram comercializados, e a bacia leiteira, com 232 produtores, que comercializaram 24,5 milhões de litros em 2019. De acordo com dados da publicação do Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, no dia 27 de novembro de 2020.

VENDAS DA PRODUÇÃO PRIMÁRIA ANO BASE 2019



Conhecendo mais!

Setor primário é a área em que as pessoas retiram os elementos da natureza (extrativismo) ou cultivam algum tipo de matéria-prima no campo (agropecuária).

Setor secundário é a área responsável por transformar as matérias-primas em mercadorias industrializadas. É o setor da produção industrial.

Setor terciário é o setor de comércio e serviços. É a área da economia em que os produtos são direcionados ao consumidor. É também o setor em que ocorrem as atividades que não estão relacionadas à produção de mercadorias, como a educação, o transporte, o turismo, a administração pública, entre outros.

As mudanças ao longo do tempo no trabalho

Como vimos nas páginas anteriores sobre como era o trabalho na agricultura, na pecuária, iniciando com trabalhos muito braçais e pesados, com muitas dificuldades, ao longo do tempo fomos percebendo as mudanças acontecerem, com o surgimento de novas máquinas e novas técnicas de produção e manejo. Vamos observar através das imagens abaixo essas mudanças.

Na agricultura, a colheita de grãos:



1 - Colheita de soja na década de 1960 em Nova Candelária. Acervo Museu Municipal.



2 - Colheita de soja no ano 2021 em Nova Candelária. Acervo Edison Klauck.

Na pecuária, a criação de suínos:



3 - Criação de suínos década de 1950 em Saltinho/SC.



Criação de suínos no ano de 2021 em Nova Candelária. Acervo pessoal.

Analisando:

1 - Ao observar as imagens 1 e 2, quais as mudanças que você observou na forma de colheita de grãos? _____

2 - Observando as imagens 3 e 4, quais as mudanças que você percebe na criação de suínos? _____

3 - Agora converse com seus pais e pergunte como era o trabalho que eles realizavam quando eram crianças e o que eles perceberam que mudou nesse mesmo trabalho até hoje.

4 - Após ouvirem seus pais falarem sobre as mudanças que eles perceberam, você pode realizar um desenho de como era antes e como é hoje.

Antes

Hoje

Patrimônio Cultural

O **patrimônio cultural** é todo objeto **material** (como prédios e monumentos) e **imaterial** (como festas religiosas e tradições culinárias) que faz parte da cultura de um povo. Ele é escolhido para que possa ser preservado. Em nosso país, a conservação dos patrimônios culturais é feita por uma instituição chamada **Iphan** (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

O **patrimônio cultural** é basicamente tudo o que é produzido por nós, seres humanos, e que demonstra o valor de nossa cultura. A preservação da herança cultural é importante para a nossa sociedade, pois permite formar a nossa identidade cultural. A cultura nos possibilita desenvolver nossa capacidade de fala, de interagir com outras pessoas, de nos identificarmos com o lugar onde crescemos e vivemos.

Patrimônio histórico material: é o conjunto de bens materiais, físicos, que possuem importância histórica para a formação cultural da sociedade. Podemos destacar como bens materiais obras de arte, como pinturas e monumentos, cidades, prédios e conjuntos arquitetônicos, parques naturais, sítios arqueológicos, enfim, tudo aquilo que existe materialmente e possui algum valor histórico e cultural que o dignifica de ser preservado e lembrado.

São exemplos de Patrimônio cultural material no nosso país:

1. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Ouro Preto (MG);
2. Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, em Fernando de Noronha (PE);
3. Conjunto arquitetônico e urbanístico da Cidade de Goiás (GO);
4. Teatro Amazonas, em Manaus (AM);
5. Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis (SC).

Patrimônio histórico imaterial: esse conceito é mais abrangente, pois não requer a existência material e imediata de um bem para reconhecê-lo como patrimônio. Podem ser considerados patrimônios históricos culturais imateriais o idioma e os dialetos, a culinária, as festas populares, os rituais religiosos, os conjuntos de ditos populares, entre outros elementos.

São exemplos de patrimônios culturais imateriais de nosso país:

1. Ofício das Baianas de Acarajé, em Salvador (BA);
2. Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém (PA);
3. Ofício dos Mestres de Capoeira;
4. Bossa Nova, no Rio de Janeiro (RJ);
5. Tradições Doceiras de Pelotas (RS).



Na foto acima, Ofício de Mestres da Capoeira. Acervo IPHAN.



Na foto acima, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Ouro Preto (MG). Acervo IPHAN.

Atividades

1 - Vamos fazer um levantamento dos patrimônios culturais do município de Nova Candelária. Pesquise quais são os monumentos, construções, objetos e as práticas culturais importantes para o município. Logo após você vai escolher um patrimônio imaterial e outro patrimônio material, preenchendo as tabelas abaixo e ao lado fazer um desenho de cada um deles.

PATRIMÔNIO MATERIAL

Nome do patrimônio:

Endereço do patrimônio:

Por que esse patrimônio é importante
para a memória do município?

PATRIMÔNIO IMATERIAL

Nome do patrimônio:

Endereço do patrimônio:

Por que esse patrimônio é importante
para a memória do município?
